

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE HISTÓRIA**

GUILHERME PHELLIPE CAETANO SILVA

**CAMINHADA PELA FÉ:
RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA EM CHAPECÓ, SC (2018 A 2022)**

**CHAPECÓ
2023**

GUILHERME PHELLIPE CAETANO SILVA

CAMINHADA PELA FÉ:
RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA EM CHAPECÓ, SC (2018 A 2022)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de história da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito de Grau de Licenciatura.

Orientador: Prof. Dra. Renilda Vicenzi

CHAPECÓ

2023

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Silva, Guilherme Phellipe Caetano
CAMINHADA PELA FÉ:: RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA EM
CHAPECÓ, SC (2018 A 2022) / Guilherme Phellipe Caetano
Silva. -- 2023.
50 f.

Orientadora: Vicenzi Renilda

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2023.

I. Renilda, , orient. II. Universidade Federal da
Fronteira Sul. III. Título.

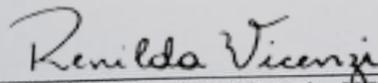
GUILHERME PHELLIPE CAETANO SILVA

CAMINHADA PELA FÉ:
RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA EM CHAPECÓ, SC (2018 A 2022)

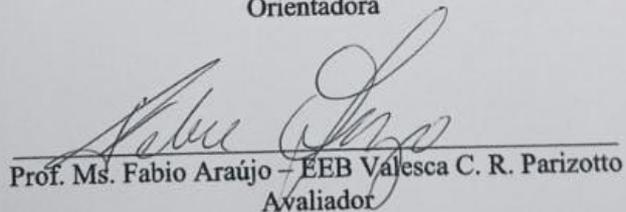
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de história da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito de Grau de Licenciatura.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 17/07/2023.

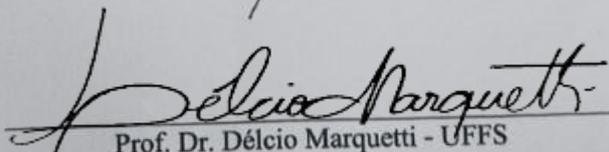
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Renilda Vicenzi - UFFS
Orientadora



Prof. Ms. Fabio Araújo - EEB Valesca C. R. Parizotto
Avaliador



Prof. Dr. Délcio Marquetti - UFFS
Avaliador

Dedico este trabalho aos meus pais, que não
pouparam esforços para que eu pudesse
concluir meus estudos e a todos que
acreditaram em mim durante essa jornada.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, com uma profundidade de gratidão que palavras mal conseguem expressar, agradeço aos meus pais, Valéria Cristina Caetano Braga e Elias Alves da Silva. Eles dedicaram a mim um amor incondicional, um zelo incansável e uma devoção indescritível. Nunca hesitaram, nem por um momento, em fazer sacrifícios físicos e financeiros para garantir que eu tivesse a melhor educação possível. Quando eu tropeçava na autoconfiança, eles eram minha rocha, acreditando em mim quando eu mesmo não o fazia. Suas vozes de encorajamento são eternamente um eco em minha mente, nos momentos mais difíceis.

A seguir, quero expressar minha profunda gratidão aos amigos que conquistei ao longo da minha jornada de graduação: Jennifer, Jonatas, Priscila, Carlos e Thiago, vocês seguraram minha mão quando eu era um jovem recém-chegado a uma cidade desconhecida. Juntos, passamos por altos e baixos, risos e lágrimas. Cada um de vocês desempenhou um papel indispensável na construção do homem que sou hoje: que sabe rir até em momentos de tristeza.

Finalmente, quero dedicar um tributo especial à Carla Trindade. Carla, você entrou na minha vida nos estágios finais da graduação e, desde então, tem sido um turbilhão de emoções. Você descortinou um Caetano que estava adormecido dentro de mim. Me ensinou a abraçar e a amar quem eu sou, não temendo minhas peculiaridades, mas celebrar elas a cada dia. Você me ensinou a me aceitar e ser orgulhoso de minha individualidade. Carla, você é um presente inestimável que a vida me deu durante esta jornada acadêmica. Obrigado por ser a luz que muitas vezes iluminou meu caminho.

Um belo dia resolvi mudar
E fazer tudo o que eu queria fazer
Me libertei daquela vida vulgar
Que eu levava estando junto a você

(RITA LEE. Agora Só Falta Você. Cidade: São Paulo. Gravadora: Estúdio Elvorado 1975. 03:25 min)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar e descrever a Caminhada pela Fé, uma manifestação da religião afro-brasileira - a Umbandista em Chapecó, evidenciando que o significado deste evento ultrapassa o mero marco comemorativo do surgimento da religião ou um simples ato de protesto contra a intolerância religiosa. A Caminhada pela Fé é um fenômeno que pode reafirmar a identidade e a resistência das religiões de matriz africana, desempenhando um papel na educação antirracista, pois traz para as ruas a rica diversidade cultural e religiosa da Umbanda, desafiando as narrativas dominantes e a existência somente de religiosidade cristã na cidade. Esse ato de presença e resistência pública me promoveu uma reeducação social, confrontando preconceitos e abrindo caminho para uma compreensão mais inclusiva e igualitária da religião e da cultura afro-brasileira. Vivenciar a Caminhada, acessar matérias jornalísticas e blog de idealizadores sobre a mesma em diálogo com bibliografias decoloniais propiciam um outro olhar sobre a religiosidade em Chapecó-SC.

Palavras-chave: Caminhada pela fé; Umbanda; Antirracismo; Decolonialidade.

ABSTRACT

This research aims to present and describe the Walk of Faith, a manifestation of the Afro-Brazilian religion - Umbanda, in Chapecó, highlighting that the significance of this event goes beyond a mere commemorative landmark of the religion's emergence or a simple act of protest against religious intolerance. The Walk of Faith is a phenomenon that can reaffirm the identity and resistance of African-derived religions, playing a role in anti-racist education, as it brings to the streets the rich cultural and religious diversity of Umbanda, challenging dominant narratives and the exclusive existence of Christian religiosity in the city. This act of presence and public resistance has led to a social reeducation, confronting prejudices and paving the way for a more inclusive and egalitarian understanding of Afro-Brazilian religion and culture. Experiencing the Walk, accessing journalistic materials and the blog of its creators in dialogue with decolonial bibliographies offer a different perspective on religiosity in Chapecó, SC.

Keywords: Faith Walk; Umbanda; Anti-racism; Decoloniality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Batuque em Frente à Igreja Matriz.....	27
Figura 2 – Caminhada - descendo a Avenida Getúlio Vargas.....	28
Figura 3 – Carro de som que conduz a caminhada.....	28
Figura 4 – Faixa de identificação da caminhada	29
Figura 5 – Faixa pedindo por respeito	29
Figura 6 – Foto do fim da caminhada em 2021	30
Figura 7 – Foto do fim da caminhada em 2022.....	31
Figura 8 – Notícia divulgada no site da Prefeitura de Chapecó	32
Figura 9 – Visibilidade da caminhada por um participante/praticante	33
Figura 11– Imprensa regional Diário do Iguaçu.....	34
Figura 12 – Anotações feitas pela mãe de um estudante no livro infantil Amoras	45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 UMBANDA EM CHAPECÓ	19
1.1 HISTORICIZANDO A UMBANDA	19
1.2 A CAMINHADA - CHAPECÓ, 2022.....	24
1.3 A LUTA POR REPRESENTAÇÃO.....	30
2 CAMINHADA PELA FÉ: SEUS IMPACTOS SIGNIFICATIVOS.....	35
2.1 A CAMINHADA PELA FÉ E A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA	35
2.2 CAMINHADA PELA FÉ: PASSOS CONTRA O RACISMO RELIGIOSO	39
2.3 RESISTÊNCIA E RESSURGÊNCIA: A DECOLONIALIDADE NO	
CONTEXTO DA UMBANDA	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa surge buscando apresentar a caminhada Afro-religiosa realizada no município de Chapecó, localizado na região Oeste do estado de Santa Catarina. Procurando perceber como o ato de uma simples caminhada pelo centro da cidade com faixas, cartazes e expressões de fé desencadeiam e tem impacto positivo na representação de uma religião de matriz africana.

Pesquisas sobre religiões e seus impactos nas sociedades têm sido muitas vezes realizadas no meio acadêmico, principalmente nas áreas das Ciências Humanas e Sociais a partir da segunda metade do século XIX, tendo em vista seu impacto como elemento na formação humana. Entretanto, a grande maioria dessas pesquisas são focadas em religiões de matriz judaico/cristãs, entre outras justificativas, está o fato do cristianismo ter sido usado como ferramenta de dominação de outros povos, como o caso do Brasil colonizado e catequizado pela religião católica romana após a chegada dos portugueses no século XVI. Devido aos processos de colonização europeus, ainda hoje, a fé católica segue sendo a religião com mais adeptos, totalizando 32,16% da população mundial de acordo com os dados de 2016 da The Association of Religion Data Archives (The ARDA)¹. Enquanto no Brasil 64,6% da população se identificam como cristãos de acordo com os dados do censo do IBGE de 2010². Todos esses fatores tornam as pesquisas sobre religiões cristãs muito habituais, pois, buscam representar seus impactos e heranças deixadas na sociedade atual.

O propósito desta pesquisa ser sobre a Umbanda ocorre devido a uma caminhada Umbandista em Chapecó, pois caminhadas evangélicas ou cristãs são muito comuns em diversas cidades, como é o exemplo da “marcha para Jesus”. Que é uma caminhada que tem como foco trazer visibilidade e orgulho para evangélicos e católicos buscando expressar sua fé livremente nas ruas. A marcha se tornou algo tão habitual e popular que foi oficializada como um evento nacional no Brasil pela Lei nº 12025 no dia 3 de setembro de 2009, sendo sua data oficial o primeiro sábado, 60 dias após o Domingo de Páscoa.

Todavia, caminhadas de religiões de matriz africana não são muito comuns pelo país, ainda sim ocorre uma anualmente em Chapecó, fazendo com que umbandistas, adeptos e frequentadores de terreiros participem no centro da cidade de Chapecó de um ato (Caminhada) para expressar sua fé e enfatizar a importância do respeito à diversidade religiosa.

¹ THE ARDA - Association Of Religion Data Archives, é uma fonte gratuita de informações on-line relacionadas à religião americana e internacional

² IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e estatística, censo de 2010.

Em particular, contemplar todo esse processo de combate a intolerância religiosa teve grande impacto sobre mim. Fazendo com que eu desconstruísse diversos preconceitos instaurados sobre a religião Umbandista, despertando inclusive interesse na Umbanda, ao qual aos poucos fui me tornando frequentador de terreiros, algo que jamais seria possível se não fosse a realização da caminhada anualmente aqui em Chapecó. Desse modo, expor esse processo que ocorre através do ato das caminhadas é mostrar como da mesma forma que ele me alcançou, pode e muitas vezes alcança diversas pessoas que tem contato com a mesma. Entretanto, antes de descrever a caminhada é interessante entender onde ela ocorre.

Chapecó é de colonização muito recente, sua categorização como município ocorreu em 1917, pela lei Lei nº 1147, tendo desse modo 104 anos de existência. Sua colonização “oficial” foi realizada por imigrantes de ascendência europeia (italianos, alemães e poloneses), fazendo com que grande parte da população se caracterize descendente desses imigrantes. De acordo com os últimos dados do IBGE sua população segue ainda sendo 83,75% de etnia branca e predominantemente católica, com 71,60% da população se identificando como adepta, e menos de 1% de religiões de matriz africanas³, esses tipos de dados interferem diretamente na aceitação e identificação da Umbanda e seus praticantes no município, em específico no meio urbano.

Em geral, na Umbanda existe a luta contra a intolerância religiosa e o racismo significado. Entretanto, o que é a intolerância religiosa? E como distinguir a intolerância do racismo? De acordo com o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa de 2010, o significado de intolerância religiosa é qualquer atitude odiosa e agressiva direcionada a pessoas ou algo que impacte negativamente uma religião que possua opiniões diferentes ou comportamentos que se diferem do considerado “aceitável” pela maioria da população. Apesar dessa descrição ser adequada, Sidnei Nogueira (2020), um importante escritor e ativista dos direitos humanos, referência na luta contra a intolerância religiosa no Brasil, traz em uma de suas obras, uma valorosa análise sobre o conceito do que é intolerância religiosa. Considerando-a muito mais que apenas um conflito contra grupos religiosos diferentes. Nogueira diz que a intolerância religiosa pode ter diversos fatores, entre eles a falta de conhecimento e compreensão acerca das diferentes crenças religiosas existentes, a influência de discursos preconceituosos por meio da mídia e de outros mecanismos de comunicação e a busca por poder e controle sobre determinados grupos religiosos e sociais.

³ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e estatística, dados retirados do site do IBGE do ano mais recente que se tem pesquisa 2012.

Nogueira também reforça que, a intolerância religiosa está muitas vezes associada a outros tipos de intolerâncias, como a racial e de gênero, já que essas formas de identificação são interligadas e reforçam umas às outras. Como traz:

Em certa medida, a tolerância religiosa não é diferente do “mito da democracia racial”, da “cordialidade brasileira”, do mito que diz que “somos todos iguais” e do mito que diz que “Deus é um só e somos todos filhos do mesmo Deus”. A própria tolerância nega todos estes mitos, pois, se de fato fôssemos todos iguais social, histórica, econômica e culturalmente, ninguém precisaria se tolerar. (NOGUEIRA; 2020, p 31).

Deste modo, podemos entender que a intolerância religiosa é um problema muito mais complexo do que o dicionário nos traz, pois envolve diversos fatores, e sua compreensão exige uma análise de questões sociais, raciais, políticas e culturais, não apenas se restringindo a uma questão religiosa, mas sim englobando esses fatores. Logo, é enorme a importância da luta constante para o respeito e legitimação das religiões de matriz africana, buscando construir uma convivência mais justa e democrática, não somente para os fins da religião, mas também para as questões sociais e raciais que traz consigo. Entretanto, a Umbanda e outras religiões de matriz africana seguem sofrendo constantes ataques de diversos modos, tanto diretamente quanto indiretamente, uma das formas mais usadas para criar uma imagem negativa dessas religiões é a demonização.

A demonização da Umbanda é um processo simples de atribuir a seus rituais e características básicas, figuras malignas ou diabólicas ao rotular todas as suas práticas contrárias à doutrina oficial do cristianismo, tornando assim, a religião e seus praticantes inimigos que devem ser invisibilizados ou combatidos. Essa demonização vai muito além da ideia de criar uma imagem negativa da religião e seus praticantes, ela também procura pouco a pouco os desumanizar e os desacreditar, fazendo com que seus praticantes não sejam mais vistos como seres humanos expressando sua fé normalmente, mas sim como inimigos, e que qualquer forma de expressar ou identificar a religião significa uma ameaça que deve ser combatida.

Historicamente a Umbanda sofre com perseguições que vem antes mesmo de seu “nascimento” em 1908, como é o exemplo da república velha ou primeira república do Brasil, que criminalizavam qualquer religião que não fosse cristã, promovendo ataques de destruição a terreiros, objetos sagrados ou qualquer outro elemento que não fosse de igrejas cristãs. Na cidade de São Paulo, no Código de Posturas de 1886 havia dois artigos que explicitamente repudiavam práticas religiosas da época. Práticas estas que eram indicadas às religiões que não eram cristãs, como a prática de orações, gestos e a incorporação espiritual:

Artigo 199 – Todos que se intitularem curandeiros de feitiços, ou efetivamente empregarem orações, gestos ou quaisquer embustes, a pretexto de curar, incorrerão na multa de 30\$ e oito dias de prisão.

Artigo 200 – Os que fingirem inspirados por algum ente sobrenatural e prognosticarem acontecimentos que possam causar sérias apreensões no ânimo dos crédulos, sofrerão a multa de 30\$ e dez dias de prisão. (SANTOS, 2017, p. 54)

Todavia, apesar do ambiente social e político não ser receptivo, a Umbanda a partir de 1908 foi se popularizando, principalmente nas regiões mais marginalizadas economicamente, fazendo com que na Era Vargas (1930-1945), provavelmente a religião já se encontrar mais estruturada e ganhando cada vez mais visibilidade e popularidade, fosse catalogada no Departamento de Tóxicos e Mistificações, buscando dessa forma desacreditar a religião e colocá-la como algo místico.

Durante o governo de Getúlio Vargas a Umbanda passou por um período de legitimação, mas também de perseguição. Em 1934, a Umbanda, assim como o Espiritismo entre outros cultos, ficou na jurisdição da seção de Costumes e Diversões, no Departamento de Tóxicos e Mistificações. Isso já mostra a forma como era classificada a Umbanda, isto é, considerada mistificadora e perigosa. Para funcionarem, os locais deveriam ter um registro na polícia, pagando uma taxa não estabelecida. Aparentemente isso colocava a Umbanda na legalidade. Por outro lado, acabou favorecendo a invasão, intimidação, prisão e mesmo a extorsão financeira (FERNANDES, 2018, p. 693)

Apesar de ataques do Estado serem extremamente vorazes uma das formas mais abrangentes e eficazes de perseguição a religiões de matriz africana após o fim da ditadura civil-militar no Brasil (1985) é a “propaganda televisiva”. Esse tipo de “propaganda” que busca principalmente fazer uma demonização de religiões de matriz africanas se popularizou próximo nos anos de 1980 e 1990, com o surgimento do Neopentecostalismo, ao qual canais de televisão abertos faziam cultos em rede nacional. Durante seus cultos eles relacionavam não só a Umbanda como também outras religiões de matriz africanas com o culto à demônios, ocultismo e bruxarias, além de muitas vezes durante as pregações receberem pessoas “possuídas” por espíritos considerados malignos que usavam os corpos das pessoas para o uso abusivo de drogas ilícitas, prostituição, alcoolismo, em geral com o foco em “destruir” a vida do possuído e de quem está ao seu redor. Em geral, sempre se identificam como Exu’s, Pombas Giras, Zé Pelintra ou outras entidades que também são entidades da Umbanda, isso fez com que a primeira impressão de muitos que desconhecem a Umbanda a ligassem a algo demoníaco e bestial. Como traz Stéfani Martins Fernandes e Leonardo Guedes Henn.

Nos anos 1990, com a difusão de programas de televisão da Universal, surge o neopentecostalismo, uma ressignificação das práticas pentecostais adaptada a situação brasileira. Somou-se a tudo isso a falta de espaço na mídia para a religião umbandista, que, quando veiculava algo sobre a Umbanda, ou mesmo das demais religiões afro, assumia um tom pejorativo. Para culminar, temos os ataques vindos de dirigentes e adeptos das igrejas evangélicas, que continuam ocorrendo de forma significativa. (HENN; FERNANDES, 2018, p. 699)

Esse tipo de ataque e demonização se popularizou muito e segue até os dias atuais acontecendo em diversos canais de televangelismo, que seguem transmitindo diversos cultos em rede nacional de forma aberta, criando muitas vezes essa imagem negativa da Umbanda e

de outras religiões de matriz africana para pessoas que não tem nenhum conhecimento ou contato com essas religiões. Desse modo, a população acaba repudiando não somente pela religião, mas também pelos seus praticantes, pois na televisão a imagem de pessoas totalmente transtornadas faz com que fique gravada essa figura para praticantes de fés afro-brasileiras.

Por sua vez, a Caminhada pela Fé realizada em Chapecó tem entre suas intenções trazer visibilidade a Umbanda, para com pessoas que nunca tiveram contato com a religião, tenham essa relação e entendam que sua fé não é o que muitas vezes é representando na televisão. A princípio a caminhada também traz consigo a comemoração de dois marcos históricos, o primeiro é a data de 15 de novembro em virtude de que se acredita que a Umbanda ter seu surgimento em 15 de novembro de 1908 no Rio de Janeiro após a manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas através do médium Zélio Fernandino de Moraes. Se tem o mito que Zélio estava em uma “mesa branca” do espiritismo kardecista quando espíritos de indígenas, escravizados e pessoas de classes mais baixas tentaram se manifestar, porém eram todos expulsos por serem considerados espíritos de “baixa luz”, assim, o caboclo se manifestou em Zélio e questionou o porquê esses espíritos eram considerados espíritos errantes e por qual razão não deviam ter voz, sendo que queriam compartilhar seu conhecimento de vidas passadas. Entretanto, a casa espírita manteve seu posicionamento não os aceitando, o que fez com que o caboclo determinasse que se não seriam aceitos ali, iriam para outro lugar. (LINARES 2011, CUMINO 2015).

Amanhã estarei na casa deste aparelho (médium Zélio), simbolizando a humildade e a igualdade que deve existir entre todos os irmãos, encarnados e desencarnados. E se querem um nome, que seja este: sou o Caboclo das Sete Encruzilhadas (CUMINO, 2015, p.125)

Após essa intervenção, no dia seguinte na casa de Zélio houve a fundação da tenda espírita "Nossa Senhora da Piedade", no dia 16 de novembro de 1908 em Neves, distrito de São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro.

É importante destacar que existem diferentes versões e mitos sobre o nascimento da Umbanda, e não há certeza absoluta sobre como ela realmente teve seu início. No entanto, independentemente das diferentes histórias de sua criação, todas elas se conectam por meio de um elemento central que motivou a Umbanda desde o início, ser um espaço onde as entidades marginalizadas poderiam se manifestar livremente, se tornando um caminho para a expressão espiritual, acolhimento e valorização da diversidade cultural. Através de suas práticas e crenças, promovendo a igualdade, a caridade e a busca pelo equilíbrio e harmonia entre os seres humanos e os espíritos.

O segundo acontecimento que a caminhada traz, é a visibilidade para o Dia da Consciência Negra, o dia 20 de novembro, em que se recorda a morte de Zumbi dos Palmares (20 de novembro de 1695), líder quilombola que lutou pela liberdade e pelos direitos dos negros durante o período do Brasil colonial, sendo o comandante de um dos maiores quilombos do Brasil, o Quilombo dos Palmares⁴. A data tem como objetivo lembrar a existência do Zumbi e conscientizar a população sobre a importância e riqueza da cultura afro-brasileira, além de trazer pautas de combate ao racismo, buscando promover a valorização da cultura afro-brasileira e seu papel essencial na construção da sociedade brasileira, assim como demonstrar que o movimento negro segue com sua resistência e combate a toda e qualquer forma de racismo no Brasil.

Sobre a metodologia de pesquisa empregada neste estudo. A pesquisa se fundamenta na análise de notícias de jornais locais e regionais, como o *Diário do Iguaçu*, e matérias do site oficial da prefeitura de Chapecó, que abordam as caminhadas no período de 2018 a 2022. Além disso, a pesquisa incorpora a perspectiva de participantes umbandistas que também divulgaram o evento em blogs pessoais. Através da análise dessas fontes, busco identificar as diferenças nas narrativas e informações fornecidas pelos veículos de comunicação locais e prefeitura e dos próprios participantes da caminhada, do mesmo modo também faço uso de imagens capturadas por mim durante minha participação na caminhada em 2022 e outras disponíveis em mídias sociais dos participantes.

Organizo este texto a partir da estrutura da Umbanda no Brasil, seu desenvolvimento até os dias atuais, buscando analisar brevemente sobre os processos internos que a religião passou e de como o exterior pôde ou não interferir na religião. Entre as referências para este histórico está a obra “História da Umbanda” (2015) de Alexandre Cumino, autor branco que é um cientista da Religião, com bacharelado pela Claretiano, diretor da AUEESP (Associação Umbandista e Espiritualista do Estado de São Paulo), responsável por diversos livros que trabalham a Umbanda e sua luta constante contra o preconceito, como em sua outra obra “Exu não é Diabo” (2022). Além deste, para enfatizar a construção da imagem negativa que a Umbanda sofreu e ainda segue sofrendo utilizo o texto de Stéfani Martins Fernandes e Leonardo

⁴ O Quilombo dos Palmares foi um dos maiores focos de resistência contra a escravidão no Brasil colonial liderados por Zumbi dos Palmares que comandou a comunidade durante anos, constantemente lutando contra as invasões das tropas portuguesas e defendendo a liberdade dos escravos que conseguiam fugir das fazendas, devido a sua grande participação foi instituída em 2003 por meio da lei nº 10.639 no Art. 79-B. que o dia de sua morte 20 de novembro deveria ser lembrado e considerado feriado como dia da consciência negra com o objetivo de conscientizar a população sobre a importância da luta contra o racismo e promover a igualdade racial, além disso a lei nº 10.639 também institui o ensino obrigatório da história e cultura afro-brasileira nas escolas de todo o país.

Guedes Henn *As voltas da religião: o desenvolvimento histórico da Umbanda* (2019) que mostra cronologicamente todo o processo de demonização da Umbanda.

Após explicar toda a formação e conceitos básicos e históricos da Umbanda no segundo momento descrevo a caminhada Afro-religiosa realizada em Chapecó. E por fim, apresento a caminhada como ação decolonial e antirracista através do auxílio de artigos como: “Terreiro e produção de epistemologias decoloniais: Narrativas de um pesquisador filho de santo” (2021) do Dr. João Augusto dos Reis Neto, onde o autor constrói um pouco sobre como a Umbanda em seus ensinamentos partilha ideias decoloniais com o auxílio de suas vivências dentro do terreiro, sempre utilizando do conhecimento adquirido na academia para validação de suas afirmações, e também o capítulo 2 do livro *Decolonialidade a partir do Brasil* (2020), intitulado “A Umbanda enquanto resistência e prática decolonial no Brasil”, onde os autores Antonio Ailton de Souza Lima, Daniele Jesus Negreiros e James Ferreira Moura Jr exploram todo o papel de resistência a prática anticolonial que a Umbanda entrega, em diálogo como artigo “Corpo afroreligioso e resistência: caminhos para uma educação antirracista” (2020) de José Valdinei Albuquerque Miranda e Neusiane De Nazaré Coelho De Melo, para mostrar como o ato de umbandistas estarem no centro da cidade caminhando e expressando sua fé, impacta no racismo estrutural mesmo que seus participantes não sejam em sua grande maioria negros.

Destacamos que a presença de inúmeros umbandistas em uma caminhada no centro da cidade transcende a mera representatividade que buscam trazer. Na verdade, esse gesto se configura como uma poderosa manifestação antirracista, e aqui utilizando da decolonialidade como suporte teórico para a compreensão que essa religião de matriz africana enfrenta na perspectiva ocidental.

Esta pesquisa indica que a Caminhada pela Fé é uma prática complexa de afirmação cultural e resistência antirracista e quão urgente e a descolonização do pensamento sobre religiões de matriz africana.

1 UMBANDA EM CHAPECÓ

1.1 HISTORICIZANDO A UMBANDA

Para início de qualquer estudo sobre a Umbanda é necessário entender um pouco sobre essa religião, por isso o melhor modo é pelo significado de seu nome. "Umbanda" é uma palavra de origem da língua quimbundo, uma das línguas bantas faladas na Angola. Segundo alguns estudiosos como Nei Lopes escritor do livro *Novo Dicionário Banto do Brasil* (1999), a palavra Umbanda significa "cura" ou "conhecimento profundo", no entanto existem diversas interpretações da palavra também chegando a significar "magia", "encantamento" ou "feitiço". A Umbanda é uma religião originalmente brasileira, composta por diversos elementos de outras religiões.

Nada surge do nada, nada há de novo sob o sol, todas as religiões são formadas de cultos e culturas anteriores, que lhe emprestaram símbolos, ritos e mitos combinados e ressignificados. Assim foi com o Judaísmo, o Cristianismo, o Islamismo, o Hinduísmo, o Budismo, etc., e não seria diferente com a Umbanda (CUMINO, 2015, p.33)

Desse modo, ela é uma religião que traz consigo diversos traços do catolicismo, espiritismo (especialmente o Kardecismo), candomblé e da cultura indígena. Sobre seu surgimento é importante ressaltar que existem diversos mitos sobre sua origem, o que torna esse um assunto complexo, por conta de diferentes versões e interpretações, desse modo é correto se dizer que não existe somente uma Umbanda, e sim diversas, pois muitos terreiros tem características unicamente suas, tornando assim cada terreiro diferente em sua organização.

Pode parecer algo estranho afirmar que existem muitas "Umbandas"; no entanto, em religião é um fenômeno muito comum. Vejamos o Cristianismo que, em sua forma plural, apresenta-se como Católico, Ortodoxo, Luterano, Calvinista, Metodista, Copta, Gnóstico, pentecostal e Neopentecostal, sem entrarmos no mérito do Cristianismo de São Paulo, São Pedro, Maria Madalena, São Tomás de Aquino, São Francisco de Assis, Santo Agostinho, etc. Mesmo o Catolicismo pode ser apresentado de forma plural (catolicismos), no qual se ressalta, por exemplo, o dominicano, o franciscano, o beneditino ou mesmo o tão popular e atual catolicismo carismático. (CUMINO, 2015, p.79)

A Umbanda é uma fé monoteísta que, além de acreditar na existência de um Deus único, reconhece a presença de uma pluralidade de entidades e espíritos abaixo dele. Dessa forma, se estabelece uma hierarquia abrangente, essas diversas entidades são divididas em sete linhas de trabalho que são elas: fé, amor, geração, evolução, conhecimento, lei/ordem e justiça, e nessas sete linhas se agrupam os orixás, guias, caboclos e outras denominações que oferecem orientação, proteção e acolhimento aos praticantes. Os orixás são entidades divinas de origem

Iorubá e são considerados intermediários entre o plano físico e o divino, são também governantes da natureza, cada um contém sua própria personalidade, características, cores e símbolos específicos, sendo reverenciados por meio de rituais, cantos, danças e oferendas, o seu culto na Umbanda vem de origem do candomblé, como traz Cumino.

Da Cultura Nagô, a Umbanda recebe o culto aos Orixás, reverenciados na natureza, sendo oferecidos a eles frutas, flores, velas e bebidas. Da cultura Gege, a Umbanda reconhece semelhanças com o Tambor de Mina do Maranhão e sua encantaria, em que se manifestam "Caboclos" e "Pretos-Velhos", na condição de "encantados", índios e africanos, entre outros. Não podemos esquecer também a origem Bantu de algumas palavras, como Umbanda, Kimbanda, Cambone, Enjira e Zambi; este é o nome de Deus em Quimbundo. (CUMINO, 2015, p.55)

A Umbanda tem sua prática e seus rituais em terreiros, embora algumas vezes seja necessário realizar rituais em outros locais dependendo da entidade que se deseja ter contato, mas em sua grande maioria são realizadas nos terreiros, devido a construção de um espaço sagrado dedicado à prática religiosa. As cerimônias Umbandistas incluem o recebimento das entidades, a oferta de alimentos e presentes, cânticos, e danças, o contato com as entidades é diverso, desde ajuda para dificuldades materiais, financeiras ou de saúde:

[...] benzimentos, rezas fortes, passes (imposição de mãos), receitas de banhos e chás. As entidades de Umbanda manifestam diferentes procedimentos para realizar sua magia, o que pode ser justificado pela variedade cultural, que se mostra por meio de arquétipos assumidos por elas, como Caboclo, Preto-Velho, Baiano, Boiadeiro, Marinheiro, [...] (CUMINO, 2015, p.65)

A Umbanda é uma religião que vê o contato com o plano espiritual algo extremamente necessário para a vida física, e que somente com o equilíbrio desses dois mundos, é possível conseguir prosperar tanto no espiritual quanto no material. Além disso a religião enfatiza a caridade como parte importante de sua prática religiosa, logo, é muito comum ver atos de arrecadação e doação de alimentos para pessoas que vivem em situações precárias ou insalubres. Esse incentivo a caridade como ideologia é um traço do espiritismo Kardecista como traz Lísias Nogueira Negrão em seu artigo "Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada".

A influência das idéias de Allan Kardec difusas no meio umbandista pode ser aferida pela generalizada presença da concepção de caridade. A sua prática é ao mesmo tempo a finalidade do culto e sua instância legitimadora. Incorporam-se os guias para que estes solucionem os problemas diversos (principalmente de saúde, mas também de dinheiro, trabalho, desajustamentos familiares e amorosos) que afligem a carente clientela. Ao praticar a caridade não são apenas os clientes os favorecidos, mas também os médiuns e os próprios guias que se elevam na hierarquia espiritual, garantindo no primeiro caso uma reencarnação mais favorável e no segundo caso, ascensão no mundo dos espíritos. (NEGRÃO, 1993, p. 116)

No entanto apesar da Umbanda ser uma religião benevolente, sempre enfrentou muita repressão, como o racismo pois a religião pelo fato de ter traços de religiões africanas e indígenas sofre segregação com a ideia de inferioridade de raças. Algo presente e registrado em 1908, como trazem Fernandes e Henn:

Na Primeira República, como elucida José Arias Neto (2003, p. 227), ocorreu a exclusão das pessoas das etnias indígena e negra. Isso reflete também na formação da Umbanda, pois nas reuniões espíritas, os espíritos ditos de ex-escravos e índios eram excluídos, pois não seriam importantes. (FERNANDES; HENN, 2018 p. 689)

A forte discriminação e intolerância é presente na Umbanda nos anos de 1940, sendo reprimida de diversas formas, por ser entendida de maneira pejorativa com “curandeirismo e macumba”. Como trazem Maria Helena Cancone e Lísias Negrão:

Os noticiários policiais de 1943 revelam a prisão de um sargento reformado da Força Policial, que era dirigente de um centro espírita e ‘explorava o baixo espiritismo’, e do Tenente Ivans Krans Perin, reincidente da prática de “curandeirismo e macumba”, e que já havia cumprido pena de seis meses por “prática ilegal da medicina”. (CANCONNE; NEGRÃO, 1985, p. 45).

Neste período a Umbanda foi classificada como uma prática de misticismo, sendo inclusive catalogada no departamento de Tóxicos e Mistificações, o que mostra um pouco sobre como o governo enxergava a Umbanda e a imagem que ele desejava difundir sobre a religião.

Durante o governo de Getúlio Vargas a Umbanda passou por um período de legitimação, mas também de perseguição. Em 1934, a Umbanda, assim como o Espiritismo entre outros cultos, ficou na jurisdição da seção de Costumes e Diversões, no Departamento de Tóxicos e Mistificações. Isso já mostra a forma como era classificada a Umbanda, isto é, considerada mistificadora e perigosa (FERNANDES; HENN, 2018 p. 693).

Mesmo com o passar dos anos essa proibição foi mantida e reforçada durante o período da ditadura civil-militar, na década de 1960 e 1970, quando os cultos afro-brasileiros foram perseguidos e reprimidos de diversas formas, muitos terreiros foram invadidos, fechados ou destruídos, e os adeptos foram presos e torturados, como mostram relatos produzidos pela comissão da verdade em 2022:

De acordo com Ortiz, nessa época surgiu entre os policiais civis o código fura-bumbo, termo que delegados utilizam para falar de subalternos que entravam em terreiros de umbanda e quebravam os instrumentos musicais. Para ele, os incidentes eram mais ligados ao preconceito racial. (Câmara Municipal de São Paulo, 2022).

A partir dos relatos que tivemos na *Comissão da Verdade* e de outros artigos como o de Ivone Cirino de Jesus na revista *Religião afro-brasileira no palco da ditadura: uma análise da peça sortilégio, de Abdias Nascimento (1979)*, podemos ver as práticas de repressão:

Durante o período da ditadura militar (1964-1985), pais e mães de santo criaram mecanismos de negociação com os poderes públicos e político-partidários para garantir a sobrevivência e a proteção de suas casas de axé. Ao mesmo tempo que o governo militar fazia uma política de “boa vizinhança” com as religiões de matriz africana, operava um forte controle de organização dos terreiros. Militares faziam parte das federações de culto, líderes religiosos dos centros de matriz africana faziam parte do cenário político, muitos eram deputados, senadores e outros. Para os tambores tocarem nos centros religiosos, taxas eram cobradas pelos policiais. (JESUS, 2013, p. 08).

A Umbanda, na versão tradicional de que conhecimento somente acontece pela escrita e não pela oralidade, teve dificuldades em seus ritos devido à ausência de livros com suas doutrinas, pois sua característica é passar conhecimentos através da oralidade, traço das culturas africanas e indígenas. A publicação do livro na década de 1940 “Umbanda (Magia Branca) e

Quimbanda (Magia Negra)” de Lourenço Braga, catalogando a “Umbanda Branca” como “Umbanda pura e desafricanizada” e a “Umbanda negra” ou Quimbanda como “africanizada, ruim e bárbara” que pouco a pouco será “limpa” pela branca (DAMACENO, 2022, p. 126).

No nome do livro “Umbanda (Magia Branca) e Quimbanda (Magia Negra)” de Lourenço Braga, podemos ver a retratação das expressões "magia branca" e "magia negra", termos que conjuntamente são usados para denotar formas distintas de práticas de magia, o uso dessas expressões "branco" e "negro" está enraizado em um sistema de pensamento binário que associa historicamente, o "branco" ao bem, à pureza, à divindade e, por outro lado, o "negro" ao mal, à impureza, ao diabólico. Isso é claramente observado nos conceitos de "magia branca" e "magia negra", em que a magia branca é muitas vezes associada a práticas de cura e proteção, enquanto, a magia negra é retratada como algo voltado para a maldade e a destruição.

Essas associações, na realidade, são uma expressão de racismo estrutural e religioso, pois são baseadas em uma hierarquia racial que privilegia o branco sobre o negro. Essa visão distorcida afeta negativamente a percepção e o entendimento das práticas religiosas e espirituais de origem africana e afrodescendente, pois muitas vezes são rotuladas, de forma preconceituosa, como "magia negra" pelos espiritas Kardecistas.

“É claro que, sendo a Magia Branca um elemento de combate à Magia Negra, deverá também desaparecer [...] e o Espiritismo será, tão somente, de caráter religioso, filosófico, científico e doutrinário, isto é, Cardecismo puro”. (BRAGA, 1941, p. 10)

É crucial questionar essas categorias simplistas e prejudiciais, enfatizando a diversidade e complexidade das práticas mágicas e espirituais, e desconstruindo esses estereótipos raciais. Sempre lembrar que a prática de fé é um fenômeno universal e diversos que não pode ser reduzido a um binarismo moral, simplista e racial, como ocorreu na escrita do livro de Lourenço Braga.

Com a promulgação da Constituição Federal de 1988 foi garantida a liberdade de crença e o direito à prática religiosa no Brasil no artigo 5º, inciso VI, desde então, tem sido criadas políticas públicas para combater a intolerância religiosa, entretanto, essa luta segue forte e com diversas pautas que ainda não foram atendidas, como é o exemplo da assistência religiosa dentro dos presídios, de acordo com a lei de execução penal de 1984 é assegurado aos presos e internados o direito à assistência religiosa com liberdade de culto, incluindo a participação nos serviços religiosos organizados no estabelecimento penal. Todavia, segundo dados da SEAP (Secretaria de Estado de Administração Penitenciária) do Rio de Janeiro no ano de 2020, apenas uma única mãe de santo teve autorização para liberdade de culto dentro dos presídios no estado. Foi a mãe Flavia a qual em uma entrevista para o G1 relatou que teve enormes dificuldades para conseguir essa autorização:

A gente teve dificuldade de ser aprovado pra prestar assistência afro-religiosa. Levamos mais de um ano perseguindo esse ideal e esse compromisso com nosso povo que se mantém ainda nas senzalas atuais, que são os presídios brasileiros [...] A cadeia reproduz o preconceito da sociedade. [...] Existe racismo contra tudo o que é do povo preto, do povo africano, do povo indígena (G1, 2020⁵)

Apresentando um exemplo evidente de como a religião ainda é subestimada e privada, com a negação de direitos já estabelecidos em lei. Muito disso se deve aos ataques do Neopentecostalismo sofridos desde 1990 como citado na introdução, pois esses constantes ataques conseguiram deixar marcas profundas na população brasileira reforçando e impulsionando a intolerância religiosa de forma extensa com traços até os dias atuais.

Absorvendo a ideia de dualidade do cenário político, o pentecostalismo dos Estados Unidos difunde a noção dual de Deus e demônio, que já havia sido usada por outras religiões, como o catolicismo. Inicialmente voltado para a população negra americana, no Brasil encontra terreno nas Igrejas Evangélicas. Nos anos 1990, com a difusão de programas de televisão da Universal, surge o neopentecostalismo, uma ressignificação das práticas pentecostais adaptada a situação brasileira. Somou-se a tudo isso a falta de espaço na mídia para a religião umbandista, que, quando veiculava algo sobre a Umbanda, ou mesmo das demais religiões afro, assumia um tom pejorativo. Para culminar, temos os ataques vindos de dirigentes e adeptos das igrejas evangélicas, que continuam ocorrendo de forma significativa. (FERNANDES;HENN, 2018 p. 700).

Para concluir este breve histórico, enfatizo que há representatividade de grandes artistas brasileiros é possível uma visão mais realista da religião, como é o caso do sambista Zeca Pagodinho que através de seus sambas e pagodes faz a difusão do Candomblé e da Umbanda, como traz na letra do samba composto por Serginho Meriti e Claudinho Guimarães “Quando a gira girou”⁶, onde mostra uma visão do verdadeiro foco da religião, sendo ela amor, acolhimento e humildade.

A sua mão me tirou do abismo;
O seu axé evitou o meu fim;
Me ensinou o que é companheirismo;
E também a gostar de quem gosta de mim;

O samba por se tratar de uma arte nacional muito popular acabou difundindo muito da realidade da religião, contudo, não é somente no samba que se faz presente a difusão das religiões afro-brasileiras. Também estão presentes na MPB (Música popular Brasileira) com outros artistas como Maria Bethânia, que em muitas de suas músicas traz representatividade ao Candomblé e a Umbanda, um dos diversos exemplos é a música “Carta de amor”⁷, que traz um pouco da religião em sua letra.

⁵ RJ tem apenas uma mãe de santo autorizada a entrar em presídios: 'A cadeia reproduz o preconceito da sociedade'. G1, Rio de Janeiro, Publicado em 19 de novembro de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/11/19/rj-tem- apenas- uma- mae- de- santo- autorizada- a- entrar- em- presidios- a- cadeia- reproduz- o- preconceito- da- sociedade. ghtml>. Acesso em 17 de abril de 2023.

⁶ Meriti, Serginho; Guimarães; Claudinho. Quando a Gira Girou. In: Acústico Zeca Pagodinho 2 - Gafieira. [S.l.]: Universal Music International, 2006. Disponível em: <https://youtu.be/IVgdQnny9HE>. Acesso em: 06/06/2023.

⁷ Pinheiro, Paulo César. Carta de Amor. In: Carta de Amor Ao Vivo Ato 1. [S.l.]: Biscoito Fino, 2013. Disponível em: <https://youtu.be/Zi2cb9cK4M8>. Acesso em: 07/06/2023.

Tenho os erês, caboclo boiadeiro, mãos de cura;
 Morubichabas, cocares, arco-íris;
 Zarabatanas, curares, flechas e altares;
 A velocidade da luz, o escuro da mata escura;
 O breu, o silêncio, a espera;
 Eu tenho Jesus, Maria e José;
 Todos os pajés em minha companhia;

Estas composições, além de expressar a fé, visam esclarecer que a Umbanda e o Candomblé não são religiões voltadas ao culto de demônios, ocultismos ou feitiçarias, é de grande importância, pois, através dessas canções a população consegue ter acesso a imagem mais próxima do real da Umbanda, uma fé plural que tem como foco principal a veneração aos orixás.

1.2 A CAMINHADA - CHAPECÓ, 2022

Como vimos anteriormente, a Umbanda é uma religião que frequentemente enfrenta a intolerância religiosa, porém, como lidam com isso? Como lutam pela liberdade de expressar sua fé livremente? Em Chapecó, interior de Santa Catarina, para visibilidade e respeito é realizada uma caminhada de Umbandistas pelo centro da cidade. Esta caminhada se realiza resumidamente da seguinte forma: Todos participantes de terreiros que desejam participar da caminhada se encontram na praça central da cidade em frente à Igreja Matriz (católica), essa praça, em particular, é um epicentro para uma variedade de movimentos sociais, sindicais e diversas outras organizações que lutam por direitos e justiça social. Consistindo um espaço frequentemente ocupado pelo povo, tem sido palco para importantes eventos, como mobilizações que marcaram a história da cidade:

Professores, vigias, auxiliares de enfermagem e outros servidores municipais de Chapecó iniciaram a greve nesta segunda-feira (4). O primeiro dia de greve começou com caminhada e mobilização. Cerca de 1,5 mil funcionários da prefeitura - segundo o sindicato - se encontraram na praça Coronel Bertaso, em Chapecó (DIREGIONAL, 2013).

Voltemos a caminhada objeto desta pesquisa: Na praça é iniciado a realização de alguns discursos de lideranças religiosas e políticas da cidade, alguns cantos de pontos⁸, dançam como forma de expressar a importância da música e dança na Umbanda. Na sequência tem início a caminhada com cantos/pontos e expressões corporais (danças). Participantes carregam cartazes que pedem por mais respeito e menos intolerância contra os terreiros e sua fé. Em seguida

⁸ Pontos de Umbandas são cânticos entoados durante os rituais, uma forma de invocar as entidades que serão cultuadas e homenagear e pedir sua proteção e auxílio. Os pontos de Umbanda são cantados muitas vezes em uma mistura de português, iorubá e outras línguas africanas, sendo uma importante tradição oral trazida na Umbanda pelas culturas africanas e indígenas.

descem a avenida central (em direção ao norte), sobem novamente (em direção ao sul) retornando ao local de início onde finalizam a caminhada fazendo fotografias/registros do momento e continuam dançando e cantando como forma de expressar sua fé.

Em 2022 participei da caminhada⁹, produzindo fotografias do evento, e apesar de não ser praticante umbandista no período (comecei a frequentar terreiros após a caminhada) pude contemplar o acolhimento que tiveram com um simples participante que estava ali para fins de estudos/pesquisa. Início apresentando uma imagem que representa a presença de umbandistas em frente ao principal templo religioso da cidade a catedral Santo Antônio.

Imagem 01: Batuque em Frente à Igreja Matriz



Fonte: acervo do autor (2022)

Umbandistas vestidos de branco e alguns de vermelho ou amarelo na praça central, ao fundo podemos ver à igreja católica, ao lado direito da imagem um caminhão de som, estão tocando tambores e cantando pontos de Umbanda reunidos em forma de círculo. Este momento ocorreu após o final do evento (caminhada) quando parte dos participantes permaneceram no local.

⁹ Optei por iniciar minha descrição da caminhada a partir da minha participação, e após dialogar com as fontes produzidas pela prefeitura de Chapecó e pelo jornal Diário do Iguaçú.

Imagem 02: Caminhada - descendo a Avenida Getúlio Vargas



Fonte: acervo do autor (2022)

Participantes da caminhada vestidos de branco na avenida Getúlio Dorneles Vargas, uma das principais avenidas de Chapecó, onde diversos eventos são realizados pela prefeitura e outras organizações, a caminhada é realizada no meio da via e nas calçadas os pedestres observavam toda a movimentação, enquanto desciam a avenida tocavam tambores e carregavam incensos, além de dançar e cantar pontos de Umbanda. Um movimento coletivo com presença de pessoas de diferentes faixas etárias.

Imagem 03: Carro de som que conduz a caminhada



Fonte: acervo do autor (2022)

Organizadores e músicos vão em cima do caminhão de som que conduz a caminhada. Podemos perceber atabaques, agogôs e cuícas, realizando apresentações enquanto acontece o andamento antes e depois do seu acontecimento. As discussões sobre as motivações da caminhada, como a luta contra a intolerância religiosa a visibilidade da religiosidade afro-brasileira e o convite ao público que assiste para se juntar ao evento.

Imagem 04: Faixa de identificação da caminhada



Fonte: acervo do autor (2022)

Na imagem acima, fizemos um recorte, mas a faixa é segurada por duas crianças, e a faixa tem a indicação de ser do terreiro ‘Tenda Ogum Rompe Mato’¹⁰. A presença de crianças indica que a participação em terreiro compõe os núcleos familiares.

Imagem 05: Faixa pedindo por respeito



Fonte: acervo do autor (2022)

São mulheres segurando uma faixa que traz frases pedindo “Respeite o meu Axé, que eu respeito a sua fé”, novamente com a identificação da Tenda Ogum Rompe Mato abaixo. Tem-se a preocupação com o respeito para as diferentes formas de expressões religiosas.

Analisando as fotos que realizei da caminhada do ano de 2022 e as de 2021 através de postagens em redes sociais é perceptível que a participação de alguns terreiros locais não se fez

¹⁰ A Tenda Ogum Rompe Mato é atualmente responsável pela organização da 'Caminhada pela Fé'. Além de estabelecer contato com outros terreiros, para participar da caminhada, também se comunicam com a prefeitura, para agendar e conseguir autorização para realização do evento.

mais presente. O motivo da sua não participação é desconhecido, o fato é que a partir das imagens de 2021 podemos ver mais pessoas com camisetas e identificação de outros terreiros que não estavam presentes no ano de 2022. Por mais que em 2022 houvesse mais participantes, o motivo da ausência de outros terreiros não foi em nenhum momento mencionado ou questionado durante a caminhada ou nas falas dos organizadores.

Observei que grande parte da organização e participação da Caminhada pela Fé é da tenda (terreiro) “Ogum Rompe Mato”¹¹. Apesar de como dito anteriormente, haver ausências de outros terreiros, é possível identificar que a quantidade de participantes da caminhada do ano de 2021 foi bem menor do que no ano de 2022, comprovado a partir da comparação das imagens 6 e 7. No entanto, esse aumento no número de participantes pode estar relacionado ao fato de que em 2021 o Brasil estava imerso na pandemia da COVID-19, essa situação de crise sanitária pode ser a responsável possível dos participantes ficarem em casa, seguindo recomendações de saúde para evitar aglomerações e assim minimizar os riscos de contágio.

Imagem 06: Foto do fim da caminhada em 2021



Fonte: Prefeitura de Chapecó (2021)

¹¹ A Tenda Ogum Rompe Mato tem um Instagram (tenda_ogumrompemato) com 1.908 seguidores. A liderança dela é a mãe de santo Neiza Pedretti. O terreiro se localiza na Rua Amapá, número 89, no bairro Santo Antônio. Em uma visita ao local, pude perceber que na verdade se trata da residência da mãe de santo, e que ela divide a sua residência separando espaços específicos para a realização dos cultos e trabalhos.

Imagem 07: Foto do fim da caminhada em 2022



Fonte: Instagram tenda_ogumrompemato (2022)

Ainda, talvez esse aumento evidente pode ser um dos reflexos que a caminhada tem causado na população local, do mesmo modo que causou a mim, fazendo com que o contato com a caminhada desperte interesse em conhecer a religião e entender um pouco mais sobre seus princípios, mesmo tendo conceitos negativos pré-estabelecidos contra a religião, que normalmente são difundidos pelas mídias ou igrejas cristãs.

Outro elemento que as imagens trazem é a quantidade de pessoas brancas que temos na caminhada. Grande parte dos praticantes de Umbanda de Chapecó são pessoas brancas, indicando a pouca participação de pessoas negras. Essa observação sobre a predominância de pessoas brancas na Umbanda de Chapecó é um importante alerta sobre a necessidade de se discutir questões raciais dentro da religião, pois é lembrar que a Umbanda tem raízes africanas e indígenas, e ser umbandista é estar em constante contato com ritos e práticas africanas e indígenas.

A falta de representatividade negra na Umbanda de Chapecó pode ser uma questão que merece reflexão, talvez por ser uma cidade constituída por maioritariamente por pessoas brancas, ou um reflexo de questões mais amplas de desigualdade e discriminação racial com pessoas negras que existem na sociedade atual, elementos para futuras pesquisas.

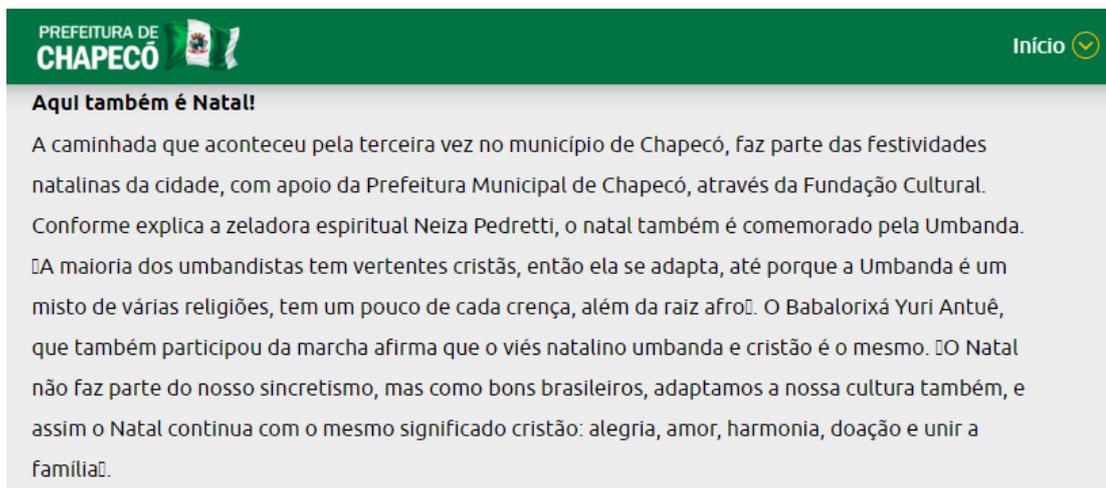
1.3 A LUTA POR REPRESENTAÇÃO

É perceptível que os principais propósitos da caminhada são a luta contra a intolerância religiosa e a visibilidade da religiosidade afro-brasileira. Em 2021 no site de notícias da prefeitura há uma reportagem apresentando a caminhada e explicando um pouco da Umbanda, as motivações que os integrantes da caminhada buscavam trazer ao realizá-la, conforme depoimento do pai de santo Alesandro:

A caminhada representa principalmente trazer a visibilidade para dentro da nossa religião, pois muitas vezes, as pessoas têm uma visão de nós como se fossemos de outro planeta. Essa caminhada é para trazer essa visibilidade que sim, nós somos afros-religiosos, mas cultuamos à Deus como todos¹².

O pai de santo Alesandro explicita que o principal foco da caminhada é luta contra a intolerância religiosa, contudo, ao fim da reportagem é realizada uma busca de conexão da caminhada com o Natal, procurando convertê-la em um evento de “preparação natalina” e chegando a fazer questionamentos para os participantes, perguntando sobre o Natal e como é a relação dos Umbandistas com o Natal, procurando utilizar de seus comentários para relacionar a caminhada com o cristianismo natalino, tentando de certa forma apagar um pouco dessa característica afro-brasileira que existe na Umbanda e na caminhada, e deixar a religião o mais cristã possível.

Imagem 08: Notícia divulgada no site da Prefeitura de Chapecó



Fonte: site da prefeitura de Chapecó, 2021

¹² “Caminhada pela fé reúne fiéis no Centro de Chapecó”. **Prefeitura de Chapecó**, Chapecó, 24 de novembro de 2021. Disponível em: <:<https://www.chapeco.sc.gov.br/noticia/4630/caminhada-pela-fe-reune-fieis-no-centro-de-chapeco>> Acesso em: 24 de fevereiro de 2023

A atitude de utilizar da influência cristã na Umbanda como forma de "embranquecimento" da religião é algo muito comum e já ocorreu em outros momentos históricos em que a religião era perseguida, como visto no primeiro congresso da Umbanda devido a isso, muitas vezes para sobreviver a Umbanda adotou elementos do cristianismo a fim de evitar a repressão e o preconceitos, esse tipo de prática é conhecida como sincretismo religioso (COSTA, 2013, p. 39-44).

O sincretismo religioso é um processo de fusão de diferentes crenças religiosas, geralmente acontece quando elementos de uma são incorporados à outra. Esse processo normalmente resulta na criação de uma nova religião ou novas tradições religiosas, levando a alterações significativas em religiões existentes. Todavia, é crucial reconhecer que a Umbanda se origina da cultura afro-brasileira e indígena. Assim, qualquer perda de conexão com essa tradição pode comprometer a integridade da religião, considerando que estas culturas são seus pilares fundamentais. Se o sincretismo priorizar elementos de uma religião em detrimento de outra, não há incorporação, mas exclusão. Contudo o sincretismo religioso foi utilizado em alguns momentos na Umbanda como um meio para proteger a religião, como traz Costa.

[...] para que pudessem preservar a sua religião, tiveram que disfarçar seus orixás sob o manto dos santos católicos, ocorrendo a superposição de imagens, e também, de nomes católicos face ao panteão africano. Essa equivalência dos deuses africanos com os santos católicos não foi uniforme, nem mesmo dentro do Brasil, apresentando variações de um lugar para outro[...] (COSTA, 2013, p. 45)

No entanto, essa tendência de dissociação e ocultação é comum também em relação a caminhada, um exemplo disso é que mesmo a caminhada tendo seu início em 2017 não houve nenhum tipo de registro ou reportagem que ateste a sua realização pelas mídias locais, sendo o primeiro registro somente em 2018, escrito por Dyonathan Moraes, um participante da caminhada e umbandista que fez uma publicação em seu blog “Arte, Cultura e Educação”.

Imagem 09: Visibilidade da caminhada por um participante/praticante



Fonte: retirando do blog Arte, Cultura e Educação

E a cobertura da mídia local sobre a caminhada começou apenas em 2019, com a realização do terceiro evento, sendo a primeira notícia no jornal “Diário do Iguaçu¹³”. Publicou uma notícia antes do evento ocorrer, como uma forma de divulgação. No entanto, o conteúdo da reportagem apresentou uma distorção significativa do objetivo da caminhada, que é a luta contra a intolerância religiosa.

A reportagem optou por enfatizar o Dia da Consciência Negra e a celebração da diversidade religiosa e cultural, desviando assim a atenção do propósito central da caminhada, que é evidenciar a presença de religiões de matriz africana na cidade e reforçar a necessidade de respeito para essas religiões e seus praticantes.

Imagem 10: Imprensa regional Diário do Iguaçu

Caminhada das Religiões Afro ocorre nesta sexta-feira em Chapecó

Evento ocorre a partir das 9h, Praça Coronel Bertaso

12/11/2019 - 19:30

Por iniciativa do Terreiro de Umbanda Tenda Ogum Rompo Mato, nesta sexta-feira (15) Chapecó recebe a terceira edição da Caminhada das Religiões Afro, a partir das 9h, na Praça Coronel Bertaso. A expectativa dos organizadores é reunir cerca de 150 pessoas.

[>> Últimas notícias <<](#)

"Axé para quem é de Axé, Sarava para quem é de Sarava, Aleluia para quem é de Aleluia, Amém para quem é de Amém, Namastê para Geral", destaca o convite oficial do evento. O objetivo é fazer memória ao Dia Nacional da Consciência Negra, comemorado em 20 de novembro, e celebrar a diversidade religiosa e cultural do município, promovendo a paz entre as diferentes crenças e práticas.

Fonte: Diário do Iguaçu, 2019.

Após essa primeira publicação em 2019 em 2021 o "Diário do Iguaçu" voltou a cobrir a caminhada. Desta vez, os repórteres do jornal estiveram presentes no evento, conduzindo

¹³ O Diário do Iguaçu é um portal de notícias regionais que cobre os acontecimentos do Oeste de Santa Catarina, embora possua uma filial em Chapecó, seu alcance não se limita a essa cidade, a plataforma fornece uma ampla cobertura de eventos e questões relevantes em toda a região Oeste Catarinense.

entrevistas com os participantes e organizadores. Entre os entrevistados estava Dyonathan de Moraes, que agora desempenhava o papel de pai de santo em um terreiro, que novamente trouxe à tona o foco da caminhada.

O sacerdote destaca que o principal objetivo é a luta contra a intolerância religiosa. "A ideia é levar faixas para abordar questões sobre o preconceito e que tenham informações sobre o credo religioso. O carro de som vai à frente com nossos cantos e tambores". (DIÁRIO DO IGUAÇU, 2021)¹⁴

Além disso, chegam a mostrar um pouco da organização do evento, destacando que quem está à frente do evento é a mãe de Santo Neiza, líder do terreiro “Tenda Ogum Rompe Mato”, como Dyonathan traz no seu relato a entrevista:

Todo ano a mãe Neiza organiza e pergunta o que cada um pode levar e pode fazer. Também é abordado o que cada terreiro pode apresentar, é uma pluralidade, pois envolve todas as religiões de matrizes afros de Chapecó. (DIÁRIO DO IGUAÇU, 2021)

Analisando a cobertura da mídia local sobre a caminhada é visível que a Umbanda ainda é considerada uma religião marginal, pois sempre que possível se estabelece uma associação entre a caminhada e outro motivo como foi o caso do Natal ou o Dia da Consciência Negra. A relação com o Dia da Consciência Negra sugere a percepção equivocada de que a Umbanda é uma religião exclusiva à comunidade negra. Embora exista uma relação entre a Umbanda e a herança cultural africana, a religião não é somente negra e o foco da caminhada não é exclusivamente este, tampouco a ideia que o Dia da Consciência Negra deva ser pensado somente por negros, quando o racismo está nos brancos e são estes que devem estudar e refletir sobre a data.

O propósito central da caminhada é abordar e combater a intolerância religiosa. Portanto, a ênfase da mídia no Dia da Consciência Negra, embora seja relevante, desvia a atenção do objetivo principal do evento, que é promover o respeito e a compreensão que a caminhada busca trazer a região. Entretanto, mesmo cientes de todas as dificuldades enfrentadas os praticantes seguem se organizando anualmente e prosseguindo, mostrando o empoderamento que os praticantes de religiões afro-brasileiras expressam em espaços marcados pela branquitude.

A branquitude é um termo usado para se referir à identidade racial branca, mas tem um significado mais profundo e complexo do que apenas a cor da pele. A branquitude é entendida como um conjunto de normas e comportamentos sociais privilegiados e tomados como universais que são, de fato, especificamente associados à identidade branca (FRANÇA, 2018).

¹⁴ DI FOLHA DE CHAPECÓ. Passeata religiosa é realizada em Chapecó. Disponível em: <https://diregional.com.br/di-folha-de-chapeco/cotidiano/2021-11-23-passeata-religiosa-e-realizada-em-chapeco>. Acesso em: 9 jun. 2023.

Cida Bento, uma das maiores referências no estudo da branquitude no Brasil, explica que a branquitude é uma construção social que se naturalizou e se tornou invisível ao longo do tempo. Segundo Bento, essa invisibilidade da branquitude permite que pessoas brancas não percebam os privilégios que lhes são concedidos em uma sociedade racializada, o que contribui para a manutenção de estruturas de desigualdade racial. A autora argumenta que a desconstrução da branquitude é um passo essencial na luta contra o racismo, pois envolve o reconhecimento dos privilégios associados à identidade branca e a tomada de responsabilidade para a desmontagem de estruturas de opressão racial (BENTO, 2022, p. 24).

O empoderamento desses praticantes implicam em reconhecer e afirmar a importância e validade das tradições culturais e espirituais afro-brasileiras. Isso significa resistir à marginalização e ao embranquecimento da Umbanda, buscando respeito e reconhecimento em uma sociedade dominada por normas e estruturas de poder de pessoas brancas. (FRANÇA, 2018).

É importante lembrar que o empoderamento não se trata apenas de resistência, mas também de construção positiva, trata-se de criar espaços de inclusão e aceitação onde as religiões afro-brasileiras possam florescer sem preconceito ou discriminação, e para que isso ocorra, atos como a caminhada são cruciais, pois somente lutando e mostrando que se orgulham de sua fé e cultura conseguiram conquistar direitos e espaço nesse ambiente que constantemente os tenta segregar.

Também é relevante mencionar que o empoderamento não é um ato individual, mas coletivo, sendo ele o conceito de luta por direito comum que está sendo negado, e que o empoderamento é um caminho para conseguir diminuir as desigualdades, pois ele significa a luta por direitos que estão sendo negados a um grupo de pessoas.

Partimos de quem entende que os oprimidos devem empoderar-se entre si e o que muitos e muitas podem fazer para contribuir para isso é semear o terreno para tornar o empoderamento fértil, tendo consciência, desde já, que, ao fazê-lo, entramos no terreno do inimaginável: o empoderamento [...]Quando falamos em empoderamento, estamos falando de um trabalho essencialmente político, ainda que perpassa todas as áreas da formação de um indivíduo e todas as nuances que envolvem a coletividade (BERTH, 2019, p. 91).

Para finalizar, a autora esclarece com ênfase que o empoderamento é fruto de união e solidariedade, uma resistência às estruturas opressivas de poder com o objetivo de construir conjuntamente uma sociedade mais equitativa e justa. Essa visão se reflete com nitidez na Caminhada pela Fé que apesar de todos os obstáculos e desafios seus praticantes persistem e perseveram na realização dessa jornada, buscando alcançar um direito básico, porém fundamental: expressar sua fé sem a sombra da demonização e preconceito.

2 CAMINHADA PELA FÉ: SEUS IMPACTOS SIGNIFICATIVOS

Neste capítulo, abordamos a temática do racismo religioso, uma forma peculiar e ao mesmo tempo devastadora de preconceito. Discutirei em detalhes as relações complexas e interconectadas entre a caminhada antirracista e a educação antirracista. A educação tem um papel central nesta luta, pois tem o poder de desafiar e transformar as narrativas dominantes. Abordaremos como a educação, pode se tornar uma ferramenta poderosa para combater o racismo em todas as suas formas.

Indicamos como a opção teórica decolonial pode nos auxiliares oferecendo uma perspectiva necessária para desafiar e redefinir nosso entendimento do mundo, questionando os preconceitos e as suposições que fundamentam a matriz ocidental-branca-cristã. Esta abordagem é crucial para repensar e reformular as perspectivas, e para ajudar a desvendar e entender as estruturas complexas e muitas vezes invisíveis de poder e privilégio.

No decorrer deste capítulo, nosso objetivo é construir uma compreensão mais profunda do racismo religioso e suas interações com outras formas de preconceito e discriminação. Ao fazê-lo, espero proporcionar as ferramentas necessárias para entender o racismo no contexto da Umbanda.

2.1 A CAMINHADA PELA FÉ E A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Como foi apresentada a Umbanda é muito mais que uma religião¹⁵, pois traz consigo cultura, história e luta dos povos marginalizados do Brasil, e muitos disto se faz presente dentro dos terreiros, como é o caso de questões raciais que acompanham a Umbanda pelo fato de ser uma religião afro-brasileira (FRANÇA, 2018).

A Umbanda é uma religião que contribui com a educação antirracista, entretanto, o que é educação antirracista? Educação antirracista não é uma matéria com estudos e livros ensinados dentro da escola, mas se trata de um conjunto de práticas e valores que buscam combater o racismo e promover a igualdade racial em todos os campos da sociedade, sendo o foco da educação antirracista a desconstrução de estereótipos e preconceitos raciais, e que os brancos reconheçam seus espaços de privilégios.

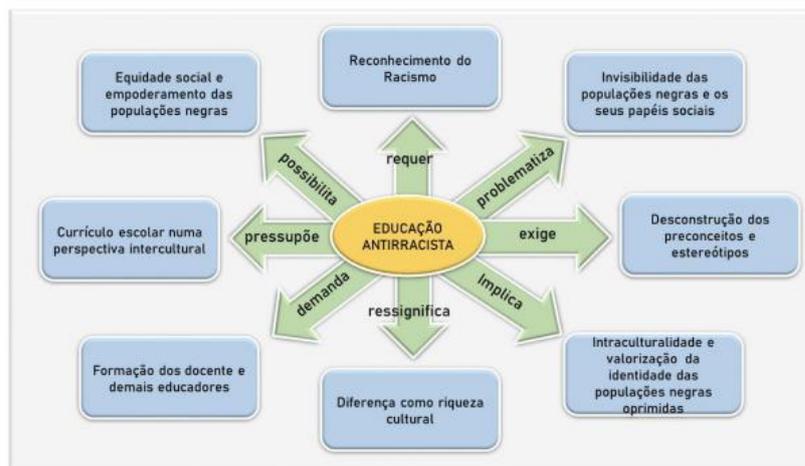
¹⁵ O conceito de acordo com o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa de 2010, é que religião é um sistema de crenças e práticas espirituais que envolve a relação entre seres humanos e entidades divinas ou transcendentais. Ele abrange questões sobre a origem da existência, o propósito da vida e princípios éticos.

A educação antirracista procura desenvolver nos indivíduos uma consciência crítica e reflexiva sobre as desigualdades raciais e a importância da conquista da igualdade e da justiça social. Djamilia Ribeiro autora negra, filósofa e uma das mais influentes nos debates sobre questões de gênero e raça, discute sobre antirracismo em seu livro *Pequeno manual antirracista* (2019), onde destaca sobre a existência do racismo estrutural na sociedade brasileira e sua perpetuação nos mais diversos âmbitos, desde o pessoal até o institucional.

O racismo é uma problemática branca, provoca Grada Kilomba. Até serem homogeneizados pelo processo colonial, os povos negros existiam como etnias, culturas e idiomas diversos—isso até serem tratados como “o negro”. Tal categoria foi criada em um processo de discriminação, que visava ao tratamento de seres humanos como mercadoria. Portanto, o racismo foi inventado pela branquitude, que como criadora deve se responsabilizar por ele. Para além de se entender como privilegiado, o branco deve ter atitudes antirracistas. Não se trata de se sentir culpado por ser branco: a questão é se responsabilizar. Diferente da culpa, que leva à inércia, a responsabilidade leva à ação. Dessa forma, se o primeiro passo é desnaturalizar o olhar condicionado pelo racismo, o segundo é criar espaços, sobretudo em lugares que pessoas negras não costumam acessar (RIBEIRO, 2019, p. 18).

Destaca-se a necessidade de compreender a questão racial no Brasil não apenas como um problema dos negros, mas como uma questão que deve ser assumida por toda a sociedade. Em seu livro aponta, a importância da educação antirracista e a necessidade de se reconhecer os privilégios raciais, especialmente para aqueles que são beneficiados por eles: pessoas brancas.

Djamilia enfatiza que o combate ao racismo é um processo contínuo, que requer uma postura ativa e consciente de todos os indivíduos da sociedade, independentemente de sua cor de pele. Além disso Márcia Maria Rodrigues Uchôa, Carlos Alberto Paraguassú e Chaves Carlos Eugênio Pereira elaboraram um fluxograma que traz as demandas da educação antirracista, tornando a compreensão do movimento mais evidentes.



Fonte: UCHÔA; CHAVES; PEREIRA, 2021, p.71.

Assim sendo, a educação antirracista é um dever de toda a sociedade, pois necessita da colaboração do coletivo para o enfrentamento do racismo que ainda existe, em razão disto a Umbanda é uma religião que possui elementos que contribuem com a educação antirracista, rompendo com estruturas de poder que sustentam o racismo, um exemplo disso é a diversidade de entidades espirituais adoradas, como orixás e caboclos, que são representados por pessoas de diferentes origens étnicas, algo que em muitas religiões não ocorre, sempre tendo apenas uma origem étnica predominante, enquanto as entidades da Umbanda não estão restritas a uma única raça ou etnia, promovendo a valorização da diversidade racial (MIRANDA; MELO, 2020). Além de suas tradições religiosas africanas e indígenas representarem uma forma de resistência cultural e religiosa destas populações marginalizadas.

A importância das religiões afro-brasileiras na luta contra o racismo e na promoção de uma educação antirracista tem sido bastante subjugada e esquecida muitas vezes, entretanto, as religiões elaboram algo extremamente fundamental para a luta antirracista de uma forma muito sutil, que é a valorização do corpo negro e de seus saberes e práticas ancestrais que trazem consigo, tornando assim as religiões afro-brasileiras uma forma de resistência cultural e política contra o racismo, pois sua cultura e rituais foram fortemente repudiados.

[...] O africano, com a destruição racial das linhagens, dos clãs, das aldeias ou das realezas, apegava-se tanto mais a seus ritos e seus deuses, a única coisa que lhe restara de seu país natal, o tesouro que pudera trazer consigo. Mitos e deuses esses não viviam somente em seu pensamento, como imagens mnemônicas sujeitas a perturbações da memória, mas que também estavam inscritos em seus corpos, como mecanismos motores, passos de danças ou gestos rituais, capazes, por conseguinte, de mais facilmente serem avivados ao rufar lúgubre dos tambores (BASTIDE, 1971, p. 219).

A Umbanda faz com que a população negra consiga construir uma identidade com suas origens, trazendo pertencimento aos afrodescendentes brasileiros, fazendo com que haja identificação de valores e histórias, sendo que as identidades brancas são sobrepostas a outras, como explica Jonas França.

Assim, ao passo em que as identidades brancas se sobrepõem às demais e são historicamente consagradas como detentoras de benesses no convívio civilizacional, as identidades negras são marginalizadas das mais diversas formas. E os calundus, quilombos e terreiros passam a ser, neste amplo contexto, sítios em que as identidades não-brancas resistem e perpetuam seus valores. Aí jaz uma conclusão importante para o debate em que nos encontramos: os deuses, entidades, símbolos, assentamentos, insígnias e todos os tipos de paramentas culturais que orbitam os cultos afroameríndios brasileiros só conseguiram resistir às políticas e estruturas segregacionistas de nossa história graças ao trabalho incansável destas comunidades. (FRANÇA, 2018, p. 70)

Enquanto aos brancos que detém esse contato podem contribuir para a formação de uma consciência crítica racial mais inclusiva. Além disso, a religião também traz o debate da ancestralidade e a presença positiva da cultura negra, como por exemplo dos pretos velhos, entidades espirituais reverenciadas, geralmente associadas aos espíritos de escravizados

africanos que viveram no Brasil, e representam sabedoria, paciência e humildade, sendo recebidos para oferecer orientação, cura e proteção contra energias prejudiciais, normalmente realizando “passes”¹⁶ nos terreiros de Umbanda (MIRANDA; MELO, 2020).

As religiões de descendência africana são carregadas de simbologias que compõem os rituais religiosos e que estão diretamente interligados ao corpo do médium. O sistema simbólico umbandista é composto por um conjunto de elementos que podemos chamar de espiritual e material. Dentre os elementos espirituais associamos à mediunidade, qual se inclui o processo de possessão, enquanto ao material, este diz respeito aos objetos e utensílios usados nos rituais. (MIRANDA; MELO, 2020, p. 98)

Esse combate pelo reconhecimento da diversidade cultural e religiosa no país andam juntos com a Umbanda, pois é evidente que através da promoção do respeito e da valorização de religiões afro-brasileiras como patrimônio cultural, haverá impacto sobre o racismo estrutural e institucional, contribuindo dessa forma ativamente para a educação antirracista.

Uma educação antirracista pode se utilizar da Umbanda para promover a valorização da diversidade cultural, sendo uma ferramenta pedagógica para mostrar a importância do respeito às diferentes tradições religiosas, étnicas e culturais. A Umbanda é uma forma de resistência cultural e religiosa, que serve como inspiração na luta contra o racismo e a discriminação, utilizando da história de resistência dos povos africanos e indígenas que lutaram para manter suas tradições religiosas e culturais mesmo diante da violência e da opressão.

Assim, a Caminhada pela Fé tem representatividade no que tange à educação antirracista, visto que a caminhada não é apenas um ato de fé, mas também uma demonstração vibrante da cultura de matriz afro-brasileira, pois ao trazer esta cultura para as ruas, para o centro do espaço público ela propicia um contato direto e autêntico com a riqueza da herança afro-brasileira, que por muitas vezes foi menosprezada e escondida, abrindo portas para a apreciação de suas músicas, danças, e formas diversas de expressão, que são manifestações da resistência e força da comunidade umbandista. Temos no ato da caminhada uma amostra de cultura religiosa que transforma a cada passo, dança e ponto de Umbanda cantado em uma ferramenta de conscientização.

Tornando em sua essência, a Caminhada pela Fé uma forma de luta antirracista em ação, pois no momento em que as pessoas se juntam para caminhar, elas não estão apenas fazendo um percurso físico, mas estão avançando na jornada de reconhecimento e valorização das raízes religiosas afro-brasileiras.

¹⁶ O "passe" na Umbanda é um dos rituais mais comuns realizados na religião que consiste em uma prática de cura espiritual, ocorrendo da seguinte forma: um médium utiliza a sua energia e conexão com os guias e entidades da Umbanda para receber a entidade dentro de seu corpo, após isso a entidade recebe as outras pessoas e realiza uma limpeza espiritual podendo algumas vezes conversar com a pessoa que o procura. (SERRA, 2001, p. 237)

2.2 CAMINHADA PELA FÉ: PASSOS CONTRA O RACISMO RELIGIOSO

Se a educação antirracista é crucial para a desconstrução colonial como espaço para ensinar sobre a luta antirracista, algo que também é de extrema importância para a Umbanda é combater o racismo religioso, um dos principais problemas que a religião enfrenta:

Segundo especialistas ouvidos pela Agência Senado, esses quatro exemplos recentes de comportamento atendem pelo mesmo nome: racismo religioso. Trata-se do ataque a pessoas negras pelo simples fato de seguirem a umbanda, o culto de Ifá ou qualquer outra religião afro-brasileira. (Westin, 2023, Senado Federal)

O racismo religioso é uma forma de preconceito que combina dois eixos de discriminação: a raça e a religião. Isso ocorre principalmente com religiões afro-brasileiras, devido grande parte da sociedade ser cristã que carrega consigo resquícios do passado colonial e escravocrata, que não deixavam os escravizados praticarem sua fé querendo os catequizar.

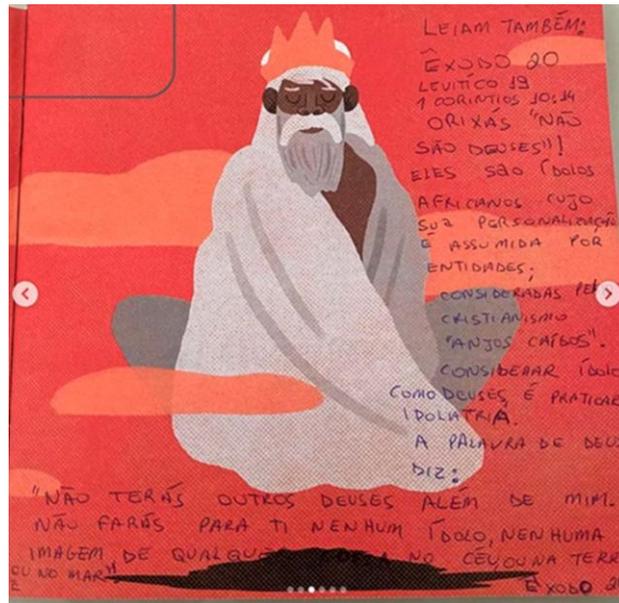
As religiões de matriz africana, trazidas ao Brasil durante o período da diáspora africana, sempre foram alvo de estigmas e preconceitos (MIRANDA; MELO, 2020, p. 104). Geralmente, os praticantes de religiões Afro são estereotipados e marginalizados, em grande parte pela falta respeito à diversidade cultural e religiosa do país e pela demonização constante que sofreram, e ainda, sofrem de religiões pentecostais como apresentando anteriormente (FERNANDES; HENN, 2018 p. 699). Este preconceito é agravado quando o praticante é negro, o que evidencia a interseção entre racismo e intolerância religiosa, fazendo com que andem muitas vezes juntos, quando se trata de um praticante negro de uma religião afro.

A mãe de uma criança de um colégio de Salvador escreveu diversos ataques às religiões afro-brasileiras num exemplar do livro infantil *Amoras*, do rapper Emicida, que passou de mão em mão na sala de aula. Nas páginas que tratam dos orixás, ela acusou o autor de disseminar “blasfêmia” e “ideologia” de “religiões anticristãs”. (Westin, 2023, Senado Federal)

O racismo religioso é apenas uma das diversas formas do racismo estrutural se manifestar, se apresentando de abundantes meios, desde comentários e piadas depreciativas até violência física e atos de vandalismo contra locais de culto. Essas ações são alimentadas por uma visão distorcida e eurocêntrica de religião, que valoriza práticas religiosas em detrimento de outras, particularmente indo contra toda e qualquer religião que não seja a cristã (FRANÇA, 2018).

Um exemplo, é o que ocorreu em um colégio de Salvador, quando uma mãe que recebeu o livro de poesias Infantis chamado “Amoras” do Rapper Emicida que foi enviando para casa junto com sua filha como lição de casa, escreveu diversos ataques no livro acusando o autor de blasfêmia e de propagar ideologias de religiões não cristãs.

Imagem 10: Anotações da mãe de um estudante no livro infantil Amoras¹⁷



Fonte: Westin, 2023, Senado Federal.

Isso mostra como as religiões Afro são recebidas quando se tenta apresentar o mínimo para compreensão e respeito, a necessidade de promover uma educação que valorize a diversidade e incentive a empatia e o respeito é imediata, pois o racismo religioso não é algo que somente se faz presente nas escolas, como dito anteriormente ele é uma forma do racismo estrutural se manifestar e atinge diversas esferas sociais e jurídicas.

Logo combater o racismo religioso significa também combater o racismo estrutural, Sidnei Barreto Nogueira, homem negro, pai de santo, traz em seu livro “Intolerância religiosa”, que na verdade o racismo religioso é uma manifestação do racismo brasileiro tentando suprimir a cultura negra na sua área religiosa. Pois, de acordo, com os estudos de Nogueira para o racismo estrutural tudo que caracteriza os povos negros é considerado inferior e uma ameaça a supremacia branca e isso também se remete a sua religião e cultura.

(...) no processo de secularização e laicização do Brasil, com o advento da República em 1889, fica patente que toda a concepção de Estado recebe o legado do modelo social escravista que se baseava na crença da inferioridade da população negra e sua herança cultural religiosa. O racismo “estabelece uma hierarquia racial e cultural que opõe a ‘superioridade’ branca ocidental à ‘inferioridade’ negroafricana”. (NOGUEIRA, 2020, p. 77)

¹⁷ Transcrição da escrita: Leiam também: Êxodo 20, levítico 19, 1 corintios 10:14. Orixás "NÃO SÃO DEUSES"! Eles são ídolos africanos cujo sua personalização é assumida por entidades, consideradas pelo cristianismo "anjos caídos" considerar ídolos como deuses é praticar Idolatria. A palavra de Deus diz: "Não terás outros Deuses além de mim. Não farás para ti nenhum ídolo, nenhuma imagem de qualquer coisa no céu, ou na terra ou no mar". Êxodo 20.

Outro fato importante é elucidar a definição de racismo, para a Organização das Nações Unidas: “qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada na raça, cor, ascendência, origem étnica ou nacional com o objetivo ou efeito de anular ou comprometer o reconhecimento, fruição ou exercício, em pé de igualdade, de direitos humanos e liberdades fundamentais” (ONU, 1965). A religião não é explicitamente mencionada nesta definição, mas o racismo não se limita somente a esses tipos de ataques, pois como dito anteriormente tudo que remete poder a cultura negra é algo que é combatida pela supremacia branca.

Nogueira também traz a ideia de que muitas vezes a discriminação religiosa é usada como um disfarce para a discriminação racial e que é crucial reconhecer e abordar a intolerância religiosa como uma forma de racismo. Pois a luta contra a intolerância religiosa deve envolver o combate também ao racismo, visto que ambos são intrinsecamente interligados na permanência da desigualdade racial e religiosa.

Como o autor apresenta em seu livro, somente a existência de religiões afro-brasileiras já é uma ameaça pois é uma forma da população negra manter sua cultura viva e se orgulhar dela.

O racismo religioso quer matar existência, eliminar crenças, apagar memórias, silenciar origens. É a existência dessas epistemologias culturais pretas que reafirmam a existência de corpos e memórias pretas. É a existência dessas epistemologias pretas que evidenciam a escravidão como crime e o processo de desumanização de memórias existenciais pretas. Aceitar a crença do outro, a cultura e a episteme de quem a sociedade branca escravizou é assumir o erro e reconhecer a humanidade daquele que esta mesma sociedade desumanizou e matou. (NOGUEIRA, 2020, p 63)

Reafirma a conexão intrínseca do racismo com a intolerância religiosa, são os dados que o autor traz em seu livro sobre o disque 100, que é o disque denúncia dos direitos humanos que recebe queixas sobre intolerância religiosa, sendo os maiores números, depois dos “não informados”, os de religiões de matriz africana.

Disque 100 - Ano 2018																Discriminação Religiosa - Religiões das vítimas														
Religião	AC	AL	AM	AP	BA	CE	DF	ES	GO	MA	MG	MS	MT	PA	PB	PE	PI	PR	RJ	RN	RO	RR	RS	SC	SE	SP	TO	NA	TOTAL	%
Adventista do Sétimo dia																	1		2										3	0,59%
Agnóstica																										1			1	0,20%
Assembleia de Deus																1													1	0,20%
Ateu																				1									1	0,20%
Budista																				1									1	0,20%
Candomblé	1				11	2					2				2	8		2	12							7		47	9,29%	
Católica							1	1			1				1	1			2							3		10	1,90%	
Cigana																										1		1	0,20%	
Cristã																								1				1	0,20%	
Espírita					1													1	1							5		8	1,58%	
Evangélica							1				4		2		2				3					1		10		23	4,55%	
Exôterica													1															1	0,20%	
Irmandade Celestial																			1									1	0,20%	
Islamismo																											1	1	0,20%	
Judaísmo																		1										1	0,20%	

PARTE 2

Disque 100 - Ano 2018																Discriminação Religiosa - Religiões das vítimas														
Religião	AC	AL	AM	AP	BA	CE	DF	ES	GO	MA	MG	MS	MT	PA	PB	PE	PI	PR	RJ	RN	RO	RR	RS	SC	SE	SP	TO	NA	TOTAL	%
Judaísmo/Cristianismo																												1	1	0,20%
Kardecista																				1									1	0,20%
Maçonaria																				1									1	0,20%
Matrizes Africanas			1	1	5			2	1	1	2					5		1	4				1			3	1	28	5,53%	
Mística							1																						1	0,20%
Muçulmana												1																	1	0,20%
Não Informada			2		7	1	2	2	3		3			1	3	5		7	14	1				4	1	16	189	261	51,58%	
Protestante																										1			1	0,20%
Religião Indígena													2																2	0,40%
Testemunha de Jeová					1						3	1		1			2		6				1			16		31	6,13%	
Umbanda						4		1	3		8			3	1	2	1	4	13				3	3		26		72	14,23%	
Umbanda/Candomblé							1											2								1		4	0,79%	
Umbanda/Quimbanda/Candomblé																								1					1	0,20%
Total	0	1	3	1	24	8	4	8	7	1	23	2	5	5	7	24	4	18	61	2	0	0	10	6	0	91	0	191	506	100%

Fonte: Brasil (2019)

Fonte: NOGUEIRA, 2020, p 38 – 40.

Estes dados reiteram mais uma vez que os ataques dirigidos à religião não são apenas de natureza religiosa, mas também são raciais e culturais, como o próprio autor traz em seu texto, pois devido ao racismo estrutural estar fortemente enraizado nas estruturas sociais e institucionais da sociedade, a ideia de uma religião de matriz africana incomoda e é

constantemente atacada de diversas formas, sendo esses algumas vezes explícitos como chamar no tom pejorativo de “Macumbeiro”, ou do uso de frases como “Tá repreendido”, que buscam categorizar o praticante de religiões afro como bruxos maléficos.

A Caminhada pela Fé, sem dúvida, desempenha um papel crucial no combate ao racismo religioso em Chapecó, além de servir como uma plataforma de exaltação da cultura afro-brasileira, como dito anteriormente. Esta manifestação cultural, proporciona à comunidade em geral um contato direto com outras expressões religiosas, além das cristãs. Ao fazer isso a Caminhada pela Fé contribui para o desmantelamento de preconceitos e estereótipos, desafiando as concepções errôneas que muitas vezes cercam a cultura afro-brasileira e a Umbanda. Pois, transforma o centro da cidade em vitrine de uma cultura que tem orgulho de sua herança étnica e racial.

E o fato de seus participantes, mesmo sendo grande parte pessoas brancas, ostentarem com orgulho a cultura afro-brasileira, torna a celebração ao dia do nascimento da Umbanda, em uma afronta ao racismo e uma reivindicação do espaço que a cultura afro-brasileira merece na sociedade. Independentemente de a participação de indivíduos ser majoritariamente branca, a expressão e o pedido por respeito a cultura afro-brasileira buscam gerar um impacto positivo na cidade.

2.3 RESISTÊNCIA E RESSURGÊNCIA: A DECOLONIALIDADE NO CONTEXTO DA UMBANDA

A decolonialidade é um movimento teórico e político que busca descolonizar o pensamento e a ação em relação às práticas e estruturas coloniais, tanto no presente como no passado, pois reconhece que existe uma hegemonia branca e eurocêntrica que foi construída e segue até atualidade, e que essa hegemonia tende a excluir e marginalizar outras formas de conhecimento e culturas que não sejam de matriz branca. A decolonialidade entende a Umbanda como forma de luta contínua para desafiar e subverter os efeitos duradouros do colonialismo, pois durante o período colonial, as práticas religiosas africanas e indígenas foram frequentemente suprimidas e demonizadas, a Umbanda representa uma reivindicação dessas tradições, uma forma de resistência contra a opressão e a hegemonia cultural que se mantém viva (LIMA; NEGREIROS; JUNIOR. 2020)

Entretanto, a Umbanda muitas vezes teve que se transformar para conseguir prevalecer, como é o caso dos traços de catolicismo que existem ao redor da Umbanda, que frequentemente transformam orixás e entidades em santos como forma de deixar a religião mais cristã, sendo também alguns dos ideais da Umbanda inspirados neste sincretismo religioso.

Com práticas que resgatam segmentos sociais incluídos precariamente no espaço metropolitano fluminense, a Umbanda possui expressivo número de praticantes que(res)simbolizam e (res)sacralizam os orixás africanos e os espíritos ancestrais dos grupos indígenas, aproximando-os de santos cristãos, além de apresentar enorme influência das práticas kardecistas, como a lei do carma e a caridade. (MORAIS, 2014, p.181)

Esse tipo de ‘sincretismo religioso’ era utilizado no Candomblé, no período colonial, como meio de cultuar as entidades para que essa expressão religiosa sobrevivesse às perseguições, os seus adeptos passaram a associar os orixás aos santos católicos quando na verdade estavam praticando sua fé trazida da África.

O candomblé chegou ao Brasil entre os séculos XVI e XIX com o tráfico de escravos negros da África Ocidental. Sofreu grande repressão dos colonizadores portugueses, que o consideravam feitiçaria. E para que essa expressão religiosa sobrevivesse às perseguições, os seus adeptos passaram a associar os orixás aos santos católicos, no sincretismo religioso. (SANTOS, 2017, p 9)

Tudo isso para conseguir conservar sua religiosidade, devido a isso é correto afirmar que a Umbanda e o Candomblé, são religiões que lutaram para se manter vivas. Sempre tentando reafirmar a validade e a importância das tradições espirituais indígenas e africanas, isso envolve também realizar sacrifícios e para a proteção da cultura dessas populações excluídas e violentadas. Tornando a Umbanda não apenas um sistema de crenças, mas um meio de reivindicar a identidade cultural de grupos historicamente marginalizados.

Os terreiros, espaços de prática da Umbanda, possuem um papel indispensável na descolonização de preconceitos enraizados em nossa sociedade, eles funcionam como epicentros de resistência e preservação cultural, e um refúgio para os ensinamentos, rituais e filosofias afro-brasileiras, como o conceito de ancestralidade, que é a crença na importância dos ancestrais, tendo eles como guias, e sua conexão é valorizada na Umbanda.

(...) os terreiros ou tendas constituem o espaço/tempo de reprodução do sagrado, é no espaço da periferia, dos subúrbios e das áreas marginalizadas da metrópole carioca que se renova o panteão mítico da umbanda. São incorporadas entidades mais recentes, como boiadeiros, marinheiros, Zé pelintras e prostitutas O espaço do profano alimenta o sagrado com a construção de arquétipos reurbanizados da periferia metropolitana. (ARBOSA; CORRÊA, 2001, p. 96)

A importância dos terreiros na descolonização de preconceitos se manifesta em vários aspectos. Primeiramente, eles servem como um lembrete físico da rica e diversificada herança cultural africana, herança essa que tem sido frequentemente esquecida e marginalizada pelas narrativas históricas dominantes, além de que os rituais e cerimônias realizados nos terreiros ressaltam a complexidade e profundidade dos sistemas de crenças africanos, oferecendo uma alternativa à visão eurocêntrica que frequentemente categoriza essas práticas como primitivas.

Como o hábito do resguardo antes da gira, que consiste em purificação dos prazeres carnis para a Gira.

[...] os rituais possuem procedimentos e comportamentos a serem realizados antes, durante e depois, que permitem uma conexão com a dimensão do sagrado. Por exemplo, os resguardos de bebida alcoólica, atividade sexual, por alguns dias antes e até depois de realizado o ritual, no sentido de purificação para a conexão com o sagrado. [...]. (SANTOS, 2021, p. 28)

Outro fato importante é que os terreiros oferecem um espaço onde a negritude é celebrada e reverenciada, proporcionam um ambiente onde os praticantes podem se conectar com suas raízes africanas, fortalecer suas identidades. Entretanto a mudança da representação de Ogum um Orixá que é um homem negro, com uma espada e um escudo na mão, pela imagem de São Jorge, um homem branco em um cavalo branco, com uma lança e uma armadura medieval, mostra como ocorre pouco a pouco o apagamento da cultura africana que habita dentro da Umbanda.

Esse tipo de atitude mostra como diversas maneiras a colonialidade tenta aos poucos transformar religiões Afros com elementos cristãos, isso seria para ser mais aceita pela população e não mais escondida/velada? Terreiros de Umbanda em regiões centrais urbanas são raros quando compararmos com templos religiosos cristãos, entretanto a forma de se enfrentar esse tipo de colonialidade é tratada pelo autor João Augusto dos Reis Neto, pesquisador frequentador de terreiros.

Não se trata, portanto, de produzir um projeto contracolonial que se quer hegemônico. Ao contrário, a presença dessas epistemologias nas universidades, na academia, aponta para aquilo que Santos (2010) nomeou de ecologia de saberes e diz respeito à diversidade epistemológica existente no mundo. Partir dessa perspectiva é assumir uma perspectiva fora do pensamento abissal ocidental para o conhecimento (SANTOS, 2010). Além disso, essa presença na academia/escola, em última instância, quer dizer que o colonialismo e a colonialidade não venceram e que nós, os afro-pindorâmicos (SANTOS, 2015), (re)existimos e agora falaremos de nós, por nós mesmos. (NETO, 2021, p. 118)

Neto destaca novamente a resistência como o principal mecanismo de luta da Umbanda contra o colonialismo. Esta resistência se manifesta através da valorização e da afirmação espiritual de figuras que representam ex-escravizados, malandros e outros grupos marginalizados. Assim, a Umbanda desafia e subverte a imagem propagada pelo colonialismo de que o culto é exclusivamente dedicado a santos. Ao dar visibilidade e valor espiritual a esses personagens historicamente excluídos, a Umbanda contribui para a desconstrução gradual da narrativa colonialista.

Trata-se de uma postura decolonial contra a colonialidade do poder que está posta na produção de verdades universais que devem ser aceitas independente de quanto essas verdades subalternizam tudo que se relacione à alteridade. (...) A episteme preta não é excludente, não quer dizimar o outro, não quer ou não precisa invalidar a alteridade para edificar a existência de sentidos novos, diversos e diferentes (NOGUEIRA, 2020, p. 128).

Nogueira enfatiza que a Umbanda, como religião, não requer a invalidação ou contestação de outras crenças para afirmar a sua própria existência e relevância. Sua essência reside na acolhida e não precisa de validação externa para justificar a sua existência. Esta realidade decorre de suas raízes em religiões comunitárias, que, apesar de enfrentarem tentativas recorrentes de silenciamento, mantiveram-se firmes e inabaláveis.

A valorização da diversidade cultural em sua prática religiosa na Umbanda guarda consigo ritos e hábitos perseguidos com o discurso de serem hábitos e valores selvagens que precisavam ser esquecidos e abandonados para conseguir se tornar “civilizados”, como a falta de um altar elevado que não existe dentro dos terreiros de Umbanda, em grande parte das religiões ocidentais cristãs há um altar elevado semelhante a um palco, e somente fica a frente desse altar as lideranças da religião (padres, pastores), algo que não ocorre dentro da Umbanda pois todos se encontram no mesmo nível, todos de pés no chão em formato de círculo, sem hierarquias rígidas (COSTA, 2013).

A Umbanda também tem um papel crucial na educação e conscientização da comunidade em geral, ao ir para a praça central da cidade e fazer um movimento de protesto por respeito e aceitação da fé afro-brasileira, desafiam diretamente as percepções equivocadas e os preconceitos que cercam estas práticas religiosas, educando a todos que estão em seu caminho sobre a riqueza e a profundidade da cultura afro-brasileira, contribuindo para a desconstrução de estereótipos e a promoção da tolerância e respeito. Em um único ato de caminhar pela rua, tornando assim a Caminhada um ato de decolonialidade, pois batalha para manter vivas as tradições e ideologias africanas, mostrando como os terreiros são testemunhas da resiliência e vitalidade da cultura afro-brasileira.

Eles representam um desafio direto à narrativa colonial que busca marginalizar e apagar a contribuição africana para a sociedade brasileira atual, expondo a Umbanda e seus terreiros como espaços cruciais para a descolonização de preconceitos, pois reafirmam a importância e a validade das tradições africanas em nosso mundo contemporâneo e outra forma de expressar religiosidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o desenvolvimento desta pesquisa, torna-se evidente que a Caminhada pela Fé é muito mais do que uma simples expressão de fé dos umbandistas locais no centro da cidade de Chapecó, quer em comemoração ao dia do nascimento de sua religião ou do dia da Consciência Negra. Cada passo nesta caminhada é um passo em direção a uma sociedade mais inclusiva e igualitária, que não apenas tolera, mas celebra a diversidade. A caminhada, mesmo não intencionalmente, representa um lembrete vívido de que a luta antirracista não é apenas uma questão de legislação, mas sim uma questão social.

Através desse ato se traça um caminho de resistência contra o racismo religioso, utilizando o poder da cultura afro-brasileira como um instrumento de transformação social. A teoria decolonial nos ajuda a entender a profundidade da resistência cultural expressa na caminhada. Por meio disso, podemos entender e valorizar a relevância desta manifestação na desconstrução do racismo, ao destacar o valor e a importância das tradições e saberes afro-brasileiros.

A participação de umbandistas em uma caminhada pela via central da cidade ultrapassa o simples anseio por representatividade. Essa atividade pública é uma potente e eficaz manifestação antirracista. A caminhada é mais do que um gesto simbólico; é um movimento de resistência cultural e social que desafia os preconceitos arraigados contra a cultura afro-brasileira e suas expressões religiosas. Os umbandistas que tomam as ruas não estão apenas reivindicando visibilidade e o fim da intolerância, mas também desafiando a supremacia do pensamento ocidental e descolonizando o espaço público com sua presença e práticas.

Usando a perspectiva da decolonialidade para analisar esse fenômeno, somos capazes de entender a magnitude da luta enfrentada pela Umbanda e outras religiões de matriz africana no contexto ocidental, que historicamente desvaloriza e marginaliza suas crenças, práticas e contribuições.

Em suma, a Caminhada pela Fé é mais do que um ato de devoção religiosa; é um movimento de afirmação cultural, resistência antirracista e celebração da diversidade. Cada passo é um convite para repensar e reconstruir nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- ARBOSA, J. L. e CORRÊA, A. M., **A paisagem e o trágico em O Amuleto de Ogum**. In: ROSENDAHL, Z. e CORRÊA, R. L. (orgs). Paisagem, imaginário e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 10520**:informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das Letras, 2022.
- BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil: Contribuição a uma Sociologia das Interpretações de Civilizações**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1971.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- BRASIL. Decreto n ° 847, de 11 de outubro de 1890. Legislação Informatizada - **Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890** – Publicação Original. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 12 Abril 2023.
- BROWN, Diana; CONCONE, Maria Helena Villas Boas; NEGRÃO, Lísias Nogueira et. al. **Umbanda e Política**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.
- Câmara Municipal de São Paulo. (2022, março 16). **Militares ligados à Umbanda pouparam terreiros durante a ditadura**. Publicação Original. Disponível em:<https://www.saopaulo.sp.leg.br/blog/militares-ligados-a-umbanda-pouparam-terreiros-durante-a-ditadura/>. Acesso em: 14 Abril 2023
- CANDAU, V. M. DIFERENÇAS, EDUCAÇÃO INTERCULTURAL E DECOLONIALIDADE: temas insurgentes. **Revista Espaço do Currículo**, [S. l.], v. 13, n. Especial, p. 678–686, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1983-1579.2020v13nEspecial.54949. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/54949>. Acesso em: 10 jun. 2023.
- COSTA, Hulda Silva Cedro. **Umbanda, uma religião sincrética e brasileira**. Orientador: Irene Dias de Oliveira. 2013. Ciências Humanas (Doutorado em ciências sociais) - Doutorado, Goiânia, GO, 2013. Disponível em:<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/758/1/HULDA%20SILVA%20CEDRO%20DA%20COSTA.pdf>
- CUMINO, Alexandre. **História da umbanda**: uma religião brasileira. São Paulo: Madras, 2015.

DIÁRIO REGIONAL. **Servidores e prefeitura de Chapecó se reúnem hoje à tarde.** Disponível em: <https://diregional.com.br/diario-do-iguacu/cotidiano/servidores-e-prefeitura-de-chapeco-se-reunem-hoje-a-tarde>. Acesso em: 18 jun. 2023

FRANÇA, J. (2018). **Elementos para um debate sobre os brancos e a branquitude no candomblé: identidades, espaços e responsabilidades.** Revista Calundu, 2(2), 27. <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v2i2.15706>

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, **CENSO DEMOGRÁFICO**, Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107>

JESUS, I. C. de. **A História da Umbanda no Brasil: Uma Análise do Discurso Religioso na Atualidade.** Cadernos PDE, v. 9, n. 3, p. 33-40, 2013. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uel_hist_artigo_ivone_cirino_de_jesus.pdf. Acesso em: 15 abr. 2023.

LIMA, A. A. DE. S.; NEGREIROS, D. J.; JUNIOR, J. F. M. **a umbanda enquanto resistência e prática decolonial no Brasil.** In: DA ROCHA, P. H. B (org). Decolonialidade a partir do Brasil - Volume V. Belo Horizonte: Dialética, 2020.

LOPES, Nei. **Novo Dicionário Banto do Brasil.** Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

MARTINS FERNANDES, S.; GUEDES HENN, L. **As voltas da religião: o desenvolvimento histórico da Umbanda.** Religare: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 687–703, 2019.DOI: 10.22478/ufpb.1982-6605.2018v15n2.41774. Disponível

em:<https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/41774>. Acesso em: 2 fev. 2023.

MIRANDA, J. V. A., & Melo, N. . de N. C. de. (2020). **CORPO AFRRORRELIGIOSO E RESISTÊNCIA: CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA. INTERFACES DA EDUCAÇÃO,** 11(33), 89–111.

<https://doi.org/10.26514/inter.v11i33.4973>

MIRANDA, José Valdinei Albuquerque; MELO, Neusiane de Nazaré Coelho de. **CORPO AFRRORRELIGIOSO E RESISTÊNCIA: caminhos para uma educação antirracista. Interfaces da Educação,** [S.L.], v. 11, n. 33, p. 89-111, 24 dez. 2020. Interfaces da Educacao. <http://dx.doi.org/10.26514/inter.v11i33.4973>.

MORAIS, Marcelo Alonso. **O Sincretismo Religioso como Elemento Legitimador da Umbanda.** , [S.l.], n. 4, p. 180-200, jan. 2014. ISSN 2317-8825. Disponível em: <<https://www.revistacontinentes.com.br/index.php/continentes/article/view/44>>. Acesso em: 13 jun. 2023.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada**. *Tempo Social*, v. 5, p. 113-122, 1993.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. Companhia das letras, 2019.

Santos, Guilherme Alexandre. **O sincretismo religioso do candomblé e a Igreja Católica no Brasil**. CAPES, 2017, Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/575785/1/O%20SINCRETISMO%20RELIGIOSO%20DO%20CANDOMBL%C3%89%20COM%20OS%20SANTOS%20DA%20IGREJA%20CAT%C3%93LICA%20NO%20BRASIL%202%20%281%29.pdf> Acesso em: 13 jun. 2023.

SANTOS, José Roberto Oliveira dos. **Da encruzilhada para o Supremo Tribunal Federal: o sacrifício ritual de animais das religiões afro-brasileiras, o preconceito religioso e a defesa dos animais**. 2021.

SANTOS, Marcos Paulo Amorim Dos. **Polícia Nas Encruzilhadas: Macumbas, Macumbeiros E Ordem Social (1930-1950)**. 2017.

SERRA, Ordep José Trindade. **No caminho de Aruanda: a umbanda candanga revisitada**. 2001.

SILVA, V. G. **Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira**. São Paulo: Editora Selo Negro, 2005.

THE ARDA - ASSOCIATION OF RELIGION DATA ARCHIVES, Disponível em: <https://www.thearda.com/>

WESTIN, Ricardo, **Racismo religioso cresce no país, prejudica negros e corrói democracia**, Senado Federal, 17 /03/2023, <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2023/03/racismo-religioso-cresce-no-pais-prejudica-negros-e-corroi-democracia> acesso em 08/06/2023